

Iuri Cavlak

Walter Rodney: Socialismo Afro-Caribenho, Historiografia e Marxismo  
(1960-1980)

Relatório de Pós-Doutorado  
realizado na Universidade Estadual  
Paulista (Unesp), na Faculdade de  
Filosofia e Ciências, Campus de  
Marília

Supervisor: Prof. Dr. Marcos Del  
Roio

Marília

2024

## 1) Introdução:

Este relatório está centrado em três eixos de abordagens. Primeiro, Walter Rodney e sua militância e produção historiográfica enquanto estudante e posteriormente professor na *West Indie University* (WIU), na Jamaica, entre 1960 e 1968. Busco aí problematizar o contexto da ilha recém independente com a formação em História do autor, seu envolvimento com o movimento rastafari e o Black Power e as noções de marxismo que ele foi desenvolvendo ao longo desse período. Quando o governo jamaicano expulsou Walter Rodney do país, em outubro de 1968, uma rebelião popular eclodiu, ao meu ver delimitando um novo ambiente político que iria de fato desabrochar nos anos 1970 tanto na Jamaica quanto no Caribe.

Num segundo momento, busco analisar as reflexões do autor sobre o marxismo enquanto professor na Universidade de Dar Es Salaam, na Tanzânia, enquanto o país protagonizava uma experiência de governo socialista, batizada de *ujamaa*. O material analisado foi produzido entre os anos de 1968 e 1974, e avança hipóteses tanto para a viabilidade do espraiamento do marxismo na historiografia e na política africana, como a capacidade da Tanzânia de avançar na luta pelo socialismo. Basicamente, argumenta Walter Rodney que o Estado deveria proteger as vilas rurais comunitárias da desagregação proporcionada pela economia de mercado, e buscar ao mesmo tempo ajuda material da URSS e da China, de modo a saltar etapa e sair de uma condição de subdesenvolvimento para a abundância industrial e agrícola.

Num terceiro momento, centro o foco num curso sobre a Revolução Russa ministrado pelo autor na Universidade de Dar Es Salaam, no ano letivo de 1971-1972. Busco refletir sobre a abordagem do evento no contexto da África e da Tanzânia naquele momento específico, em que o partido único TANU, o movimento estudantil e as forças armadas esposavam uma clara ideologia socialista baseada na experiência soviética. A Tanzânia era uma espécie de meca para os movimentos revolucionários de todo continente – forneceu logística para a luta de Ernesto “Che” Guevara no Congo - e sua universidade agregava o maior número de exilados políticos do entorno, além de quadros

docentes comprometidos com o socialismo. Milton Santos, Paulo Freire, Giovanni Arrigh, Immanuel Wallerstein, todos por al passaram.

Nesse ano de pesquisa, não pude visitar o arquivo Walter Rodney sediado na Universidade de Atlanta, onde se localiza toda a documentação a respeito da vida e obra do autor. Não obstante, logrei acessar vários documentos *on line*, o que me franqueou um estoque de material primário que irei desenvolver nos próximos anos. Além disso, acessei e fichei toda obra do autor que já foi publicada. No Brasil, até os dias atuais, apenas uma obra de Walter Rodney foi editada, “Como a Europa Subdesenvolveu a África”, numa versão bastante elogiada da editora boitempo (livro escrito em 1972, com a versão brasileira de 2022). Todo o restante de artigos, livros, palestras e resenhas do autor se encontra em inglês.

Optei por apresentar os resultados da minha pesquisa no formato de três blocos temáticos, com uma ligação cronológica e temática perpassando-os. Como afirmei acima, pretendo seguir desenvolvendo o trabalho com a bibliografia e as fontes primárias de modo a expandir a temática em torno de Walter Rodney, contribuindo para um melhor conhecimento do autor e de sua problemática na historiografia brasileira.

## 2) Jamaica

A Jamaica se tornou politicamente independente da Inglaterra em 6 de agosto de 1962. Continuou como membro da Commonwealth e com uma profunda dependência econômica em relação ao mundo Ocidental. Os dois principais líderes políticos jamaicanos, Alexandre Bustamante e Norman Manley, identificados mais a direita e mais a esquerda do espectro político respectivamente, costumavam a concordar com o fato da Jamaica ser tão avançada politicamente que não teria necessitado lutar pela independência. A concessão dada pelos britânicos seria uma prova de maturidade e sucesso das estruturas e de seus agentes (LINDSAY, 1975).

Entretanto, o ambiente no entorno regional a época era de tensionamento e constantes mobilizações da população mais pobre. Entre 1958 e 1962, a Jamaica viveu a experiência de ter participado da Federação das Índias Ocidentais, uma entidade política que estava então encaminhando a descolonização nas ilhas do Caribe britânico de maneira

unificada - Jamaica, Trinidad e Tobago, Barbados, Antigua e Barbuda, Dominica, Granada, São Cristóvão e Neves, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Ilhas Cayman, Anguila, Ilhas Turcas, Monserrate -, com os territórios insulares, Belize e Guiana Inglesa, enquanto observadores. (SEWELL, 1978).

Os dois principais partidos políticos da Jamaica, *Jamaican Labour Party* (JLP), de Alexandre Bustamante, e o *People's National Party* (PNP), de Norman Manley, politizaram a questão no sentido em que a Federação pudesse assumir contornos mais liberais, totalmente afinados ao capitalismo, ou mais igualitários, com maior intervenção estatal no sentido de proteção econômica e distribuição de poderes. Ao fim e ao cabo, o experimento fracassou e os territórios britânicos se dividiram em países autônomos e entidades que permaneceram sob tutela de Londres.

Algumas centenas de quilômetros dali, em Cuba, ocorriam lutas de caráter profundamente radicais. Em janeiro de 1959, se confirmara a vitória dos rebeldes guerrilheiros do Movimento 26 de Julho, tendo Fidel Castro e Ernesto “Che” Guevara a sua testa. Todo um processo de reorganização econômica, política e cultural passou a ocorrer nessa outra ilha. Em 15 de abril de 1961, com apoio norte-americano, uma força paramilitar invadiu o país, sendo rapidamente derrotada pelas forças do governo revolucionário. Nesses dias, o líder Fidel Castro anunciou o caráter socialista da revolução. No plano externo, a aproximação com os soviéticos e o embargo econômico estadunidense se seguiu, com a crise dos mísseis, em outubro de 1962, e o cerco permanente de sabotagem e embargo tensionando a região.

Nesse contexto que a Jamaica emergiu enquanto país independente. A maioria dos estudos apontam para o caráter negociado e a continuidade das estruturas coloniais na nova nação, como dito acima, não obstante o cenário internacional. (LINDSAY, 1975). O sistema política bicameral facultou a permanência do *Jamaican Labour Party* (JLP) no poder, totalmente alinhado com a Inglaterra e os Estados Unidos, bem como comprometido com a economia de mercado e a manutenção da divisão social do trabalho tal como ela se encontrava naquele momento. O novo país seguiu exportando bananas, açúcar, minério, incentivando o aporte de capital internacional na área do turismo e articulando empréstimos com o Fundo Monetário Internacional (FMI).

Internamente, o JLP manteve os sindicatos sob controle, passando a difundir uma imagem de unificação racial em torno das tradições britânicas. *Out of Many, one people*

tornou-se ideologia oficial, de sorte a tentar obliterar graves contradições. Por exemplo, a ilha era constituída por mais de 90% da população negra, tendo 21 famílias brancas proprietárias de todos os meios de produção, donas ou principais parceiras nas exportações e empreendimentos imobiliários (BARNES, 2012, p. 56).

Uma das principais conquistas da população caribenha foi a formação da *West Indie University* (WIU), uma universidade multinacional que logrou estancar a necessidade da busca de formação e pesquisa na Inglaterra. Tornou-se autônoma em 1962, tendo recebido seu mais ilustre aluno do curso de História no primeiro semestre letivo de 1960.<sup>1</sup> Walter Rodney, então com 17 anos, havia recém terminado com brilhantismo o ensino médio na Guiana Inglesa, e ganhado uma bolsa de estudos para Kingston (ZEILIG, 2022, p. 10).

No decorrer de sua graduação, Rodney se mostrou extremamente ativo tanto na pesquisa e nos debates da sua universidade quanto na militância estudantil propriamente dita. Em 1962, pela União Internacional dos Estudantes, participou de atividades em Havana e Leningrado, em janeiro e agosto respectivamente. Além do mundo socialista e da perspectiva marxista, teve na investigação da história africana um ponto fulcral, num momento em que inexistia uma historiografia africana propriamente dita, dado que os países estavam a se libertar do jugo colonialista e ainda não haviam produzido em quantidade considerável investigações históricas no formato de livros (BARBOSA, 2008).

Rodney se envolveu com o movimento rastafari, sendo um link entre o mundo acadêmico, a tradição religiosa jamaicana e a luta política. Ficou muito conhecido em Kingston, seguido de perto pelos serviços de inteligência tanto da Jamaica quanto dos EUA (ZEILLIG, 2022, p. 15). Se formou na primeira metade de 1963 e, novamente por se destacar nas notas, ganhou uma bolsa de estudos para a Universidade de Londres. Optou pela Escola de Estudos Orientais e Africanos, desenvolvendo uma pesquisa sobre o tráfico da alta costa da Guiné. Ao mesmo tempo, passou a frequentar grupo de estudos sobre marxismo em Londres, então organizado pelo intelectual natural de Trinidad e Tobago Cyril Lionel Robert James (CLR James) e esposa (LEWIS, 1998, p.31).

---

<sup>1</sup> A *West Indie University* a princípio foi uma extensão Universidade de Londres. Nos anos 1960 se firmou como uma universidade pública que passou cada vez mais a atender o Caribe britânico. Seus três principais *campi* eram na Jamaica, Trinidad e Tobago e Barbados. Seu papel na formação de uma elite acadêmica regional foi central.

Ao terminar o doutorado, em 1966, trabalhou na Tanzânia, participando da experiência socialista naquele país. Com Nyerere na presidência e Karume na vice, a Tanzânia se posicionou a princípio enquanto um país não alinhado, que buscava uma social democracia sem necessariamente reivindicar a tradição marxista. O regime foi batizado de *Ujamaa*, um sinônimo para o conceito amplo de família comunitária (Zeilig, 2022, p. 39). Internamente, o Estado tanzaniano plasmou-se num regime de partido único, centralizando a economia e fomentando uma estrutura produtiva não mercantil. Os conceitos da *Ujamaa* foram implementados no movimento estudantil e nas forças armadas. Os Estados Unidos romperam relações, ameaçando inclusive uma invasão armada (Wache, 2017, p. 72). No dia 5 de fevereiro de 1967, na cidade de Arusha, decretou-se oficialmente o caráter socialista da Tanzânia, na famosa *Arusha Declaration* (Zielig, 2022, p. 102).

O país se tornou um apoiador e um refúgio para os grupos revolucionários do entorno. A luta de “Che” Guevara no Congo se deu com o auxílio do governo tanzaniano, que forneceu principalmente apoio logístico. Guevara e seu grupo entrou e saiu do Congo via Tanzânia em 1965. A Universidade de Dar Es Salaam, por muitos anos então, se transformou no maior polo acadêmico de intelectuais exilados na África Oriental. Foi naquele contexto que Walter Rodney passou os meses finais de 1966 e o ano de 1967. Em janeiro de 1968, voltou como professor *full time* da WIU na Jamaica, num contrato de quatro anos.

Naquele momento é que os caminhos do país e de Rodney se interligaram com maior significado. Rodney seguiu com a docência e a pesquisa, articulados a militância política na universidade e a participação efetiva no movimento rastafari jamaicano. Versado no socialismo e na tradição do materialismo histórico, o autor desenvolveu a comunidade negra várias atividades, o que levou a sua expulsão do país em 15 de outubro de 1968. Após ser proibido de entrar na Jamaica pelo governo do *Jamaican Labour Party*, ao finalizar sua participação no I Congresso de Escritores Negros, no Canadá, uma rebelião popular estourou em Kingston, conhecido como *Rodney Riots*. Por três dias, uma luta incruenta entre estudantes, trabalhadores, desempregados e rastafaris contra a polícia parou o país.

Muito provavelmente, Walter Rodney era a pessoa na Jamaica que mais conhecia a História Africana, no sentido historiográfico de *historia rerum gestarum* e no sentido de vivência *res gestae*, dado sua participação orgânica no socialismo tanzaniano. De

acordo com Daniel Pico, Rodney foi o primeiro marxista negro de todo o Caribe a tomar a sério o estudo da história africana (PICO, 2024).

No domingo pela manhã, em Toronto, na participação no Congresso de Escritores Negros, dia 12 de outubro de 1968, três dias antes de ser impedido de entrar na Jamaica e deportado de volta ao Canadá, Rodney pronunciou um discurso intitulado *African History in the Service of Black Revolution*, destacando quais seriam os pontos principais da análise historiográfica a ser difundida na Jamaica objetivando uma transformação radical naquele contexto. Meu objetivo é analisar esse documento, entender o porquê da escolha de alguns elementos e não outros, e cotejar com o desenvolvimento da história da Jamaica e da própria trajetória do autor.

O governo acabou dobrando o movimento e sustentando a expulsão de Rodney, o que não evitou o aumento da radicalização e a vitória, em 1972, do *People's National Party* de Michael Manley, que acabou mudando as políticas públicas no sentido de maior participação popular e defesa dos trabalhadores e da tradição afro-caribenha. No front externo, a Jamaica se tornou um membro ativo do Movimento dos Países Não Alinhados e uma parceira de Cuba no Caribe. Esse desenho democrático duraria até 1980, com a volta do JLP ao poder e da hegemonia do neoliberalismo.

Minha hipótese é que a influência de Rodney foi decisiva para que o movimento negro na Jamaica, embasado na prática do rastafari e do marxismo, fortalecesse seus laços socialistas, ao ponto de formatar grande parte da sociedade para um novo ciclo político nos anos 1970, uma correlação causal que acredito ser ainda pouco explorada pela historiografia. Sustento que a influencia do autor no cenário interno contribuiu para a cultura do *reggae* de Bob Marley e da negritude na política. Externamente, o entorno regional também foi sendo progressivamente levado por essa onda, como a República Cooperativa da Guiana, o movimento sandinista na Nicarágua, o golpe militar no Suriname, as lutas em El Salvador e a formação do regime socialista na ilha de Granada.

Em comum todos eles tiveram no horizonte a crítica ao capitalismo e a valorização da cultura africana, nessa angulação antiliberal e de sinalização à URSS e Cuba. O PNP provavelmente não faria esse influxo a esquerda se não houvesse ocorrido a revolta contra a expulsão de Walter Rodney.

### 3) O Desenvolvimento Político da Jamaica

A primeira década de independência acabou sendo marcada, entre outras coisas, por uma estabilidade na política institucional, com o *Jamaican Labour Party* (JLP) na liderança do governo e com maioria no parlamento. Seus três principais líderes se sucederam como primeiros ministros, Alexandre Bustamante (1962-1967), Donald Sangster (1967), Hugh Shearer (1967-1972).

O partido de oposição, *People's National Party* (PNP) ocupou um espaço de legitimação, operando sempre dentro das regras do sistema político estabelecido. O JLP, embora com maior inserção sindical, desenvolvera uma pauta de centro direita, enquanto o PNP encampava projetos e discursos de maior preocupação com as desigualdades sociais. Nenhum dos dois partidos pautou com assertividade a questão racial, tampouco a possibilidade de uma transformação radical da sociedade jamaicana.

Meses antes da independência, Alexandre Bustamante viajara aos Estados Unidos, assinando compromissos para a venda de bauxita e açúcar aos norte-americanos. Na cerimônia de independência, que contou com a presença de membros da família real britânica, alguns navios ingleses e norte-americanos estiveram fundeados na Jamaica, garantindo a transição dentro da ordem. Dias após o 6 de agosto, Bustamante afirmaria estar “completamente com o Ocidente”, se referindo a Guerra Fria, oferecendo inclusive uma parte da ilha para a instalação de base militar dos EUA (BARNES, 2012, p. 29).

A esquerda mais radical se organizou em torno do *People's Freedom Movement* (PFM), que atuou politicamente no período colonial. Alguns dias após a independência, o PFM se tornou o *Socialist Party of Jamaica* (SPJ):

The primary end of the newly created party was to “introduce socialism by peaceful means” explicitly through the electoral process. The second goal of the party was to maintain and preserve religious freedom, while the tertiary objective was to sustain fraternal relations with other political organizations with similar social objectives (BARNES, 2012, p. 30).

Nesse sentido, embora mais à esquerda que o PNP, o SPJ se configurou na linha eleitoral enquanto caminho ao socialismo, buscando ser o partido aliado da URSS e de Cuba na Jamaica. A dificuldade de romper o bipartidarismo e a falta de aderência na questão racial prejudicou seu crescimento. O *Socialist Party of Jamaica*, com essa linha política majoritária não conseguiu se articular a radicalidade crescente da juventude nos anos 1960.

Baseado em algumas reflexões de Frantz Fanon, Lindsay interpretou a falta de um movimento anticolonial como uma das principais características da sociedade jamaicana. Se mantendo na mesma posição na divisão internacional do trabalho – exportando bauxita, açúcar, banana, - sem nenhuma transformação em sua estrutura social interna, era como se na Jamaica a independência de fato não houvesse existido (LINDSAY, 1975).

Jamaica fits easily into the category of those new states in which formal independence was granted without the initiation of any kind of serious struggle against colonial rule. Indeed, Norman Manley, the widely acknowledged “founding father” of the modern Jamaican state, consistently emphasized that because of his own skill and his good sense of his people, Jamaica managed to secure its constitutional advance to self-government without having “to fight for it” (LINDSAY, 1975, p. 99).

Norman Manley foi o líder histórico do PNP, pai de Michael Manley, o político que daria uma guinada significativa do país a esquerda nos anos 1970. Todavia, identificado com um partido de esquerda, Manley era um defensor do sistema parlamentar britânico, assegurando tratar-se do melhor possível. O fato de não necessitar uma ruptura pela independência era um indicio, segundo ele, de que os desejos da Grã-Bretanha eram idênticos aos da Jamaica.

Na década de 1960, essa era a situação econômica do país:

The island’s leading sugar states were owned by a large British company, while the bauxite industry was in the hands of four American and Canadian corporations and many hotels were part of foreign business. Bank and insurance companies, a large section of the communications network, and even a number of basic public utilities were also in foreign ownership (PAYNE, 1983, pp. 159-160).

Embora a economia crescesse a uma média de 6% ao ano, a pobreza aumentava, fruto inclusive de uma migração da população rural para Kingston, em busca de novas oportunidades na troca da agricultura e mineração pelo comércio e indústria na capital. A média salarial era baixa em todos os setores. A economia seguia dominada pelas indústrias estrangeiras. Milhares de jamaicanos optavam anualmente pela migração externa, rumo aos países centrais de língua inglesa como a própria Inglaterra, os EUA e o Canadá.

Na medida em que a população jamaicana aumentava numa velocidade relativamente alta para o tamanho da ilha, atingindo a marca em torno de 1,6 milhões na década de 1960, o problema do emprego tornava-se chave. Grande parte da população economicamente ativa só conseguia trabalho no serviço público, o que ajudou a impulsionar um outro fenômeno chamado de *garrison process*, estudado de forma minuciosa por Figueroa e Sives. (FIGUEROA e SIVES, 2002).

Basicamente, tratava-se de regiões estruturadas em clientelas políticas fixas, ou para o JLP ou para o PNP, contribuindo para que, nas eleições periódicas, o partido no governo garantisse a vitória. Por exemplo, em bairros onde havia 2 mil eleitores, eram registrados 1.999 votos para o um partido e apenas 1 para o outro, um coeficiente dificilmente atingível a não ser por alguma fraude. O *garrison process* significava tanto a adulteração pura e simples das urnas quanto a coerção dos chefes locais para que a população depositasse o voto num único partido. Muitas vezes as duas práticas caminharam juntas.

Assim sendo, as revoltas foram constantes. Ainda antes da independência, em 1960, um grupo religioso, comandado pelo Reverendo Cladius Henry, baseado em Nova York, se armou e planejou a tomada do poder. Quando estavam treinando táticas de guerrilha perto da capital Kingston, o grupo foi descoberto e prontamente desbarato, no que ficou conhecido como *Henry Rebellion*.

Em 1963, na região de Montego Bay, um grupo rastafari armado atacou uma plataforma de Petróleo e um quartel da polícia. Finalmente, em 1965, após uma mulher denunciar ter sido vilipendiada pelos patrões chineses num comércio, uma multidão passou a ir para as ruas e atacar os demais negócios comandados por chineses em *Spanish Town Road*, em Kingston. Oito pessoas foram baleadas e cerca de vinte foram presas pela polícia. Centenas participaram dessa revolta, um índice, de acordo com Payne, da

violência latente que fluía pela sociedade, a despeito do sistema político a princípio pacificado (PAYNE, 1983).

Situação que pioraria em 1966, com uma guerra não declarada entre gangues rivais representando os dois partidos jamaicanos. Apoiadores do JLP e do PNP iniciaram uma briga, tudo indica antecipando movimentos e apoios nos bairros de Kingston visando as eleições gerais de 1967:

Some of the incidents were very grave, involving knives, shootings, and bombings. And a state of emergency was declared for a month in October 1966. Much of the political warfare in the area was sponsored by leading politicians of both parties as they fought for control of the ghetto (PAYNE, 1983, p. 163).

O Estado de emergência decretado em outubro de 1966 mobilizou grande aparato repressivo, que implicou inclusive censura de publicações estrangeiras.

Não se pode deixar de citar, nesse sentido, a visita do imperador da Etiópia, Haile Selassie ainda em abril de 1966. Embora não tenha havido violência por parte da polícia ou de manifestantes, foi a maior demonstração de massa daquela época, quando milhares de jamaicanos foram aguardar o imperador no aeroporto, gerando muita confusão, com várias pessoas feridas. Para o Rastafari, a monarquia etíope servia como um contraponto a monarquia inglesa:

The counter-culture of Rastafari had constructed in-group values based on appropriation of Ethiopian aristocracy orthodoxy and rejection of the more recent British monarchy that had been associated with the subjugation of parts of Africa and black enslavement. (LEWIS, 1998, p. 91)

O cerimonial de Estado jamaicano foi atropelado pela população. O líder rastafari, Mortimo Planno, foi quem ocupou a pista junto com a multidão, carregou o imperador etíope e dirigiu seu entourage para o lugar cerimonial, driblando todo o protocolo do governo evitando inclusive um desfecho trágico.

O ano de 1967 fora ainda mais violento, registrando recordes de mortes por arma de fogo e manifestações de rua. Não obstante a turbulência histórica, o JLP foi reeleito para comandar o país por mais meia década.

#### 4) Walter Rodney na Jamaica:

Após um curso ginásial extraordinário no *Queen's College*, o melhor colégio da Guiana Inglesa, no qual Rodney cursou graças a uma bolsa de estudos por excelência acadêmica, o autor escolheu cursar História na *West Indie University* (WIU), campus Mona, na Jamaica. Por conta de suas notas, Rodney também lá foi aceito com uma bolsa de estudos.

Chegou em 1960, e logo passou a participar dos clubes de debates, uma prática comum no Caribe inglês. Representou a WIU num desafio em Pittsburg, sagrando-se campeão junto com outro colega. Diziam que Rodney levava muito jeito para uma carreira na área do direito. (LEWIS, 1998, p. 18).

Cada vez mais envolvido nos assuntos estudantis, Rodney participou de uma delegação de estudantes que visitou Cuba, em janeiro de 1962. A delegação foi recebida em eventos especiais, chegando a travar conhecimento pessoal com Fidel Castro. Em agosto, participaram de um evento na URSS. Data daí os primeiros registros de Walter Rodney na documentação da Central Americana de Inteligência (CIA), que repassara aos serviços de inteligência do Estado jamaicano (ZEILIG, 2022, p. 13).

Em 1962, em um dos seus primeiros artigos conhecidos, assinando junto com um colega de turma, *Some Political Aspects of Independence*, analisou tanto a situação da Jamaica quanto do Caribe em geral, vaticinando, entre outras coisas, por uma ferramenta metodológica que investigasse a situação sem as limitações da ideologia do partido trabalhista britânico, ou mesmo do marxismo-leninismo, ambos distantes da complexidade da situação caribenha (LEWIS, 1998, p. 22). Tratava-se das duas principais influências intelectuais do movimento estudantil da época.

Além das questões do Caribe contemporâneo, Rodney se interessou pelo passado do tráfico de africanos escravizados. Tentando destacar, além do papel da Europa, o papel histórico da África, o então jovem estudante se viu sem um horizonte de pesquisa, na falta de material acadêmico ou mesmo tradição de investigação sobre o passado daquele continente. Num último artigo na graduação, refletiu sobre as possibilidades da classe média jamaicana conduzir o país para uma estrutura social mais justa. Sopesou o papel

da universidade na formação desses quadros políticos (LEWIS, 1998, pp. 13-29). Em 1963, ao se graduar com honras de primeira classe, fez jus a uma bolsa de estudos a nível doutoral, escolhendo a Universidade de Londres, especificamente a Escola de Estudos Orientais e Africanos

Rodney defendeu sua tese de doutorado em 5 de julho de 1966, partindo para a Tanzânia alguns dias depois. *A History of the Upper Guinea Coast (1545-1800)* foi extremamente elogiada, tanto pelo pioneirismo na análise documental quanto na forma sóbria e cativante da escrita, além das relações com regiões mais amplas do continente e da Europa e América.

### 5) O retorno de Walter Rodney:

Em janeiro de 1968, após um ano e meio na Tanzânia e três anos na Inglaterra, Walter Rodney retornou a Jamaica, naquela ocasião como professor *full time* da *West Indie University* (WIU), campus Mona, localizado uns 12 km do centro de Kingston, para um contrato de quatro anos.

Para além da docência e da pesquisa, Rodney passou a frequentar as reuniões de alguns grupos rastafaris, participando ativamente das discussões e de certo modo de vida comunitário. Como conhecia profundamente a história da África, como disse acima, talvez o indivíduo no Caribe naquele momento com maior conhecimento a respeito, a todo momento era requisitado para dar explicações e subsídios sobre a ancestralidade e os sentidos possíveis da diáspora africana:

The notion of black power was not new in Jamaica. Its roots lay in the movements that followed Bedward and Marcus Garvey in the early decades of this century and in the doctrine of Rastafarianism which grew in popularity in the 1950. Rodney revived this tradition of political analysis, but set it more firmly than even before within an economic framework which recognized imperialism as a key element conditioning the lives and prospects of the Jamaican people (PAYNE, 1983, p. 164).

Era a politização que o governo jamaicano evitava a todo custo que ocorresse entre as classes populares, ou seja, a junção entre movimento negro e a consciência socialista.

Na Jamaica, Rodney desenvolveu um estilo de vida bastante articulado as classes baixas. A começar pelas suas vestimentas, simples, o cabelo *black power* e o sotaque que em nenhum momento tentava imitar a fala britânica, o que era comum nas camadas médias e altas. O mais extraordinário era a naturalidade com que o então Doutor em História se entrosava com a comunidade da cidade:

Rodney had a very sharp mind and was an exceptionally gifted speaker with a mild but a very endearing manner. Young people felt that he was someone with whom they could reason. A brilliant lecturer, in the few months he taught at Mona he made a deep impression in his students. His lectures were attended not only by history students but those from other faculties. His talks at the WIU Students Union on Black Power had both campus and off-campus support. He was not connected to any organization neither did he built any. He would accept invitations from youth and community groups, Rastafarian groups and high school students (LEWIS, 1998, p. 95).

Sobretudo era nos *groundings* onde ainda mais Rodney influenciava e era influenciado pela população pobre da Jamaica. *Groundings*: nome dado para qualquer reunião informal e improvisada, num campo de futebol, na esquina de algum comércio, porta de igreja ou praça, etc. Era frequente sua estada nesses lugares.

Duas semanas antes de sua expulsão, Rodney escreveu uma carta para seu amigo Gordon Rohler, então professor de inglês na *West Indie University*, campus de Trinidad e Tobago, exortando “Che” Guevara como um exemplo de vida revolucionária a ser seguida:

Today, all that matters is the question of action: determined, informed and scientific action against imperialism and its cohorts. Just a Leonardo da Vinci was the archetype of Renaissance Man, so Che Guevara is the ideal of Revolutionary Man. All that is required is that one should extract the essence of his life's experience, rather than attempt to embrace his suggestions concerning guerrilla warfare. The latter course has the serious limitation of being irrelevant to many objective situations (as Che knew). Right now I am grappling with the problem of appropriate revolutionary line within a Jamaica context.

Mesmo sabendo que a revolução jamaicana se encontrasse distante no horizonte, Rodney queria viver e efetivamente vivia de uma maneira subversiva, para alguém inserido no seu campo profissional:

I doubt whether the situation is explosive, and I doubt whether I will be here long enough to witness the explosion, but as matter of integrity I must address myself to that question so long as I am here. Otherwise what will distinguish me from the Philistines? I live in the petty bourgeois area of Trafalgar Park, in a three bed roomed house, I buy and eat goodies from the capitalist supermarket, I drive to work etc. This is a distinction which I must draw to have any self-respect and if its seen to be a difference by my black brothers, then this means that we are already on our way towards defining the revolutionary line (apud LEWIS, 1998, p. 111).

Naquela altura, o governo já estava realizando gestões para expulsá-lo do país. Em agosto se deu a primeira reunião entre o gabinete e a reitoria da WIU no sentido de tratar da rescisão do contrato de Rodney com a universidade. Frente a negativa do vice-reitor, Philipp Sherlock, em realizar tal ato, o primeiro ministro em pessoa, Hugh Shearer, passou a tratar do assunto no início de outubro, com mais reuniões com o staff universitário. O primeiro ministro e todo o gabinete fez pressão contra Rodney, infrutífera para dobrar a posição da reitoria, que legitimamente argumentou não haver nada na universidade que desabonasse seu trabalho, nenhuma brecha legal para qualquer tipo de sanção.

Inteirado, não obstante, que o autor estava no Canadá, Shearer de chofre expediu um decreto declarando-o *persona non grata*. Ao chegar na Jamaica, em 15 de outubro de 1968, as 14 horas, Rodney foi mantido no avião e obrigado a voltar para Toronto. Deu-se o início da rebelião (PAYNE, 1983, p. 164-165).

## 6) A História da África em Função da Revolução Negra

No domingo, dia 13 de outubro de 1968, 48 horas antes de sua expulsão, na parte da manhã, Walter Rodney pronunciou seu último discurso no Encontro de Escritores Negros, no Canadá. Intitulado *African History in the Service of Black Revolution*, condensou muito do que o autor pensara até então sobre a relação entre História, historiógrafa e luta de classe, bem como o que viria no futuro tanto na sua vida pessoal quanto no desenvolvimento da Jamaica, do Caribe em geral e da própria África. Utilizo aqui da versão publicada em *The Groundings with my Brothers*, edição dos textos de

Rodney diretamente ligados aquela conjuntura política, lançados logo após a revolta. O exemplar em questão é de 1983.

O autor considerava que, naquela época de revolução social, uma história da África umbilicalmente ligada as preocupações do presente seria essencial. Implicava dispensar uma narrativa apenas voltada para a erudição e mesmo uma “história voltada para os brancos”. Rodney afirmava que o passado da África para a revolução seria direcionado para o povo negro do Caribe. Os brancos revolucionários já estariam lado a lado dos negros por outros motivos, não necessitando, ao menos com a urgência que ele esperava, da exposição desse tipo de conhecimento.

Significava igualmente tratar do dia a dia do povo simples nas centenas de milhares sociedades africanas que existiram através dos tempos. O pouco que existia até então sobre história era focado em alguns grandes impérios, e restrita a aspectos da vida das elites. Rodney discordava da dicotomia entre sociedades com Estado e sociedade sem Estado, em virtude de que, dentro dessa divisão, a força da narrativa sempre pender para o primeiro tipo:

In reconstructing Africa civilizations, the concern is to indicate that African social life had meaning and value, and that the African past is one with which the black man in the Americas can identify with pride (RODNEY, 1983, p. 53).

Rodney chamava a atenção para a hospitalidade dos grupos africanos, entendida como igualdade no tratamento entre ricos e pobres. A pessoa mais abastada dos clãs deveria sempre ter a casa aberta e compartilhar do alimento e vestimenta com as pessoas de menos posses. Embora o líder mais poderoso usufrísse de vantagens nessa relação, a obrigação de prestação de serviços intimidava o desenvolvimento de relações desiguais, mantendo um padrão mais justo e equânime no trato entre as pessoas. A presença europeia teria minado essa estrutura de comportamento social.

Derivado disso havia o extremo respeito às pessoas mais velhas, em contraste com o tratamento dispendido pelos senhores brancos aos africanos escravizados nas Américas:

An elder was learned and wise because he had had maximum exposure to life in that society, as well as to all of the formal education which was available ... In a state system, elders tutored the prospective ruler and advised the ruling class,

while in “stateless societies” they were the sole repositories of historical, spiritual and legal knowledge. In both sets the situation they had to be informed and alert because of their responsibilities (RODNEY, 1983, p. 54).

Nesse sentido, uma ausência de crimes contra o patrimônio e mesmo contra as pessoas entre elas era verificada por Rodney nas sociedades africanas com pouca ou nenhuma relação econômica com os europeus. Testemunhas de época deixaram escritos que vários bens de um grupo eram guardados eventualmente com outro grupo sem a mínima chance de serem roubados. Inexistiam prisões, e as desavenças, quando aconteciam, eram geralmente resolvidas através da sabedoria desses legisladores mais velhos.

A tolerância religiosa era outro elemento em destaque. Os grupos politeístas respeitavam as outras crenças e jamais realizavam perseguições e guerras religiosas. Rodney escolheu o exemplo da religião *Youruba*, acrescentando que a forma de comportamento religioso refletia na forma de tratar as pessoas diferentes da média física, como albinos ou portadores de deficiência. Uma religião “não imperialista”, que inclusive teria aceitado com naturalidade o cristianismo e o islamismo nas suas margens. A Igreja Cristã da Etiópia seria um exemplo do sincretismo entre o monoteísmo revelado e a tolerância advinda do politeísmo (RODNEY, 1983, p. 55).

A essa altura da argumentação, o autor justificava a necessidade de remover um senso comum que parecia existir nos afro-caribenhos daquele momento, qual seja, de que a história da África era pura selvageria e desorganização:

To dispel this myth it is invariably necessary to begin the pointing out that Africa, too, had great buildings and great states similar to those which emerged in the history of those countries where our white oppressors and denigrators reside (RODNEY, 1969, p. 56).

Mais que isso: “it is possible to compare the Western Sudan between the fifth and the fifteenth centuries with Europe in the Dark and Middle Ages, and the comparison is advantageous to Africa on many points” (RODNEY, 1969, p. 56). Somente quatro anos depois, em *Como a Europa Subdesenvolveu a África*, que o autor aprofundaria essa tese, demonstrando que o salto na economia de mercado teria levado a Europa a um patamar hegemônico na tecnologia de guerra, ultrapassando então as demais sociedades do planeta. Naquele ponto, a superioridade histórica dos africanos tinha a ver como um

melhor equacionamento dos conflitos sociais, de sorte a configurar uma vida menos violenta e injusta do ponto de vista econômico.

Novamente através dos testemunhos escritos de viajantes que estiveram na África nos séculos anteriores as grandes navegações, o autor elencou uma série de elogios expressados por eles, igualdade, respeito, tolerância, etc, inclusive atributos no sentido de barrar o advento do capitalismo no bojo dessas sociedades:

The few studies which exist suggest that the two continents were fundamentally different in ethos and were not moving in the same direction. Even within the empires of Ghana, Mali and Songhai, the explosiveness of class contradictions was lacking ... In the states of Ashante and Dahomey, whose growth was contemporaneous with European mercantilism, there was no concept of “market” in the sense of supply and demand, and the social redistribution of goods made accumulation impossible (p. 57).

Com isso, Rodney parecia sugerir que inclusive culturalmente o continente africano detinha superioridade, na medida em que não haveria distinção entre arte popular e arte erudita, fomentando dessa forma uma circulação mais dinâmica e espaiada diariamente. Uma cultura orgânica por assim dizer.

Ao passar para os pontos positivos do capitalismo, como Marx no Manifesto, Rodney preferiu destacar a capacidade do sistema em gerar milhares de africanos cada vez mais fortes e resistentes, retirados dos seus lares na África mas vivos e em luta na América naquele momento. Como se o tráfico e a escravidão tivessem feito ainda mais forte o povo negro habitante do Caribe. Ao invés de dissertar sobre a destruição econômica causada pelos Europeus, optou por um outro caminho: “We did survive not only in Africa, but on this side of the Atlantic – the greatest miracle of all time! And every day black people in the Americas perform the miracle anew” (p. 58).

Apenas sobreviver na América não era o suficiente. Assim, Rodney exortava que o conhecimento da História africana, pela angulação abordada acima, daria o fomento e o encanto para que as lutas dos negros naquele momento ganhassem ainda mais força e possibilidade de vitória: “This is the main revolutionary function of African history in our hemisphere” (p. 58).

Não era uma história para os africanos na África, senão para os africanos nas Américas. Onde um grande acontecimento já havia assinalado o início dessas transformações, a Revolução Cubana:

The Cuban revolution has already demonstrated in this hemisphere the role and the achievement of black people as participants in a people's war against imperialism ... Interest in the African revolution, in the African plastic arts and drama and the history of Africans in the New World, is cultivated in Cuba today at a level that is far above that of neo-colonialist Jamaica, which is 95 per cent black. (p. 51)

Cuba havia superado a necessidade de distinção entre negros e brancos. Para Rodney, era a inspiração a ser seguida.

## 7) A Revolta

Tanto o corpo docente quanto o corpo discente ficaram sabendo do banimento na noite do dia 15 de outubro de 1968, uma terça-feira, dois dias após Rodney ter pronunciado o discurso acima analisado. Naquele momento, cerca de 900 estudantes se reuniram numa assembleia improvisada, deliberando por marchar, no dia seguinte, rumo ao gabinete do Primeiro Ministro Hugh Shearer e do Ministro do Interior, de sorte a entregar duas petições de protesto.

Na manhã do dia 16 de outubro, quarta-feira, o governo se antecipou a marcha dos estudantes, que a essa altura se somavam alguns professores. Suspendeu a circulação dos ônibus que serviam nos pontos pertinentes. Dessa forma, formou-se uma grande multidão se deslocando a pé a caminho dos prédios administrativos. Logo, foram cercados por policiais que abriram a repressão com cassetetes e gás lacrimogênio. Centenas ficaram feridos e muitos se dispersaram. Os que conseguiram chegar em frente ao ministério de Interior, no centro de Kingston, organizaram um comício. A esposa de Walter Rodney, Patrícia, então grávida, pode dizer algumas palavras de protesto contra o banimento do marido, além de alguns professores da WIU (PAYNE, 1983, pp. 166-167).

Junto aos estudantes e professores se juntaram jovens desempregados, trabalhadores e membros do movimento Rastafari. Após as falas, a multidão se dirigiu ao gabinete de Shearer. No caminho, passaram pela sede da central sindical filiada ao JLP, onde foram atacados com pedras e garrafas. Novamente houve intervenção policial no sentido de desfazer a manifestação.

Depois de muita violência por parte da polícia, resultando em vários estudantes e professores feridos, um estudante com o braço quebrado inclusive, a multidão se dispersou, sendo que alguns voltaram em ordem para o campus da WIU. Mas aí outro movimento aconteceu:

As the student demonstration dissipated, however, so thousands of unemployment youth and members of the *lumpenproletariat* came on the streets of the city. They were inspired not by the issue of academic freedom, but by the class and racial oppression which the banned Rodney had condemned (PAYNE, 1983, p. 167).

Tratou-se do momento mais importante da revolta, com a união nas ruas entre estudantes, professores, desempregados e trabalhadores jamaicanos, como se o pensamento e a prática política de Walter Rodney estivesse se encarnando nas ruas. Os manifestantes se concentraram no ataque as sedes das grandes multinacionais, sobretudo bancos, companhias aéreas e empresas de Petróleo. Cerca de 50 ônibus pertencentes a uma empresa estrangeira foram queimados e/ou danificados. As tarifas haviam sido recém majoradas, o que se tornou um motivo a mais para esse ato. Não houve registro de ações contra propriedade estatal ou de jamaicanos, sugerindo uma consciência política determinada na multidão.

No final daquela quarta-feira, com os distúrbios contidos, o governo calculou em 1 milhão de libras os prejuízos materiais. Três manifestantes foram mortos, enquanto onze policiais ficaram seriamente feridos.

The response of the security forces was nevertheless extensive ... Heavily armed police riot squads and units of the Jamaica Defense Force, were deployed by a joint military police control center set up ... Members of Jamaica National Reserve were called up ... convened a meeting of all justices of the peace and members of service and guns clubs to discuss the security situation (PAYNE, 1983, p. 168).

Essa união do aparato repressivo do Estado contribuiu decisivamente para que a revolta fosse estancada. Não houve tempo ou capacidade, do lado dos revoltosos, no sentido da formação de lideranças com algum tipo de projeto alternativo de poder.

Na noite de quinta-feira, dia 17 de outubro, o primeiro Ministro Hugh Shearer discursou em cadeia de rádio e televisão. Acusou Walter Rodney de ser um notório comunista estrangeiro, conspirador profissional e responsável pela desunião dos povos. Usou das duas visitas de Rodney a Cuba e de uma visita a União Soviética como prova das acusações. Utilizou de um discurso do autor sobre a necessidade de uma revolução para reforçar seus argumentos de que parte dos estudantes e dos professores da WIU eram estrangeiros e anti-jamaicanos, influenciados e portadores de uma ideologia e uma prática antinacional. Eram os verdadeiros culpados pelos distúrbios dos dias anteriores.

*Shearer's performance effectively laid down the propaganda framework within which the government sought to anaesthetize the political impact of the riots. It fed on long-standing anti-communist feeling in the country, stimulated the latent anti-intellectualism of local society, fuelled traditional Jamaican hostility towards the rest of Caribbean, and appealed to national unity in the face of what was characterized as a subversive threat to the security of the state (PAYNE, 1983, p. 169).*

O partido de oposição, PNP, teve uma reação ambígua às atitudes do governo. Embora seu líder histórico, Norman Manley, tenha condenado a arbitrariedade da expulsão de Rodney, endossou as acusações de agente comunista internacional, questionando as razões do porque a expulsão não ter se dado mais cedo. Os principais jornais e rádios reforçaram a versão governista, enfatizando trata-se de um líder comunista que estava enganando a população negra jamaicana para um golpe de Estado vermelho. Os estudantes e professores foram tratados como peças meramente manipuláveis.

## 8) Considerações Finais

Acredito que tal como Walter Benjamin, nas Teses sobre o Conceito de História, Rodney acreditava no poder do passado encantando as lutas revolucionárias do presente. No destaque que deu a história africana, preferiu desenvolver as questões de igualdade e humanidade, no contraponto à sociedade europeia. Entendeu superior a organização dos povos africanos, mais preocupados com o bem estar da comunidade e o livre desenvolvimento das pessoas, novamente em oposição a Europa das grandes desigualdades, absolutismos e guerras ininterruptas.

Não tentou utilizar da história para propor estratégias de tomada do poder e direcionamento do Estado para o socialismo. Penso que o autor separava a luta moderna com o conhecimento do passado, embora tentasse articular ambas as coisas. O passado seria uma forma de animar e direcionar o povo negro da Jamaica para a formação de uma nova vida social, para isso utilizando dos exemplos ligados aos valores anticapitalistas. Não se tratava de simplificar ou mitificar, embora isso tudo estivesse presente, mas formatar essa análise para um determinado fim.

Sabia da importância e dos aliados do movimento negro socialista, daí a sempre elogiosa referência a Ernesto “Che” Guevara e a revolução cubana. Tendo visto o socialismo se desenvolver na Tanzânia, percebeu as limitações intrínsecas para um país pobre e subdesenvolvido chegar a uma economia de abundância. Por isso a chamada para a união entre todo o Caribe e a África. Embora materialista, Rodney nunca desdenhou da potência do Rastafári e da ligação com a ancestralidade espiritual africana, mais um ponto a ligá-lo, penso eu, com as reflexões de Walter Benjamin num outro contexto.

Nos anos 1970 o movimento negro com a pegada socialista se esparramou pelo Caribe, na música, na literatura e na política, seja num caminho progressista ou regressista. A Guiana, antiga Guiana Inglesa, independente da Inglaterra desde 1966, se declarou República Cooperativa em 1970, refundando seu Estado através da supremacia negra em relação aos outros povos. Essa resultante foi um Estado extremamente autoritário, contra o qual Rodney lutaria até o final da sua vida.

Por outro lado, a ilha de Granada teve um desenvolvimento positivo, até a invasão de 1983 e o assassinato de Maurice Bishop, político que também havia sido educado na

tradição do socialismo africano. O *New Jewel Movement* veio à tona com uma estrutura leninista e marxista. O Suriname, independente da Holanda em 1976, protagonizou um golpe de Estado de caráter nacionalista, em 1980. Desi Bouterse, na primeira fase do novo regime, igualmente se identificou com o marxismo e o socialismo cubano. El Salvador e a Nicarágua tiveram movimentos que dialogaram com esse cenário.

A própria Jamaica nos anos 1970 foi um exemplo de aprofundamento popular da política e da cultura. O turbulento ano de 1968, mundialmente importante, teve na Jamaica o influxo decisivo de Walter Rodney, suas ideias e sua prática política. A virada neoliberal dos anos 1980 foi derrotando um a um essas experiências, ora de forma violenta, ora de forma econômica processual.

### 9) Walter Rodney e o Marxismo

Walter Antony Rodney foi um dos principais historiadores do seu tempo. Nascido na então Guiana Inglesa, em 1942, foi assassinado por motivos políticos na posterior Guiana independente (República Cooperativa da Guiana), em 1980.<sup>2</sup> No campo historiográfico, escreveu verdadeiras obras-primas, tanto do ponto de vista empírico, argumentando através de exaustivas documentações primárias, muitas vezes inéditas no seu tempo, quanto do ponto de vista teórico, manejando a história global e o marxismo de modo criativo e rigoroso. *A History of the Guyanese Working People (1881-1905)*, publicado postumamente, e *Como a Europa Subdesenvolveu a África*, de 1972, seriam exemplos disso (Rodney, 2022).<sup>3</sup>

No campo universitário, teve experiência de docência, pesquisa e orientação de alunos em vários continentes. Graduou-se em História na *West Indie University* (WIU), *campus* da Jamaica, em 1963. Na condição de um dos melhores alunos da turma, conquistou uma bolsa de estudos para cursar o doutorado na *School of Oriental and African Studies* (SOAS), da *London University*, onde defendeu sua tese, em 1966 (A

---

<sup>2</sup> Em 1970, o então primeiro ministro Forbes Simpson Burnham, após quatro anos de independência, mudou o estatuto político da Guiana para uma república cooperativa, suspendendo o pagamento da dívida externa e estatizando alguns setores econômicos. Para Walter Rodney e vários críticos, o novo regime se resumiu a uma ditadura disfarçada; de uma elite afro-guianesa sobre a própria população negra e de etnia indiana. Para as informações biográficas sumárias dessa introdução, me baseei em Zeilig (2022) e Lewis (1998), além do *Walter Rodney Papers* In: Robert, W. Woodruff Library, Atlanta University. Disponível em: <https://findingaids.auctr.edu/repositories/2/resources/9>. Acesso em: 16 jan. 2024.

<sup>3</sup> *Como a Europa Subdesenvolveu a África* é o único livro de Walter Rodney traduzido no Brasil até hoje. Apareceu em 2022 numa importante edição da Boitempo.

*History of The Upper Guinea Coast, 1545-1800*). Optou pela docência na Tanzânia, então sob a experiência socialista de Julius Nyerere, no ano de 1967. Voltou para a Jamaica em 1968, na condição de professor *full time*, sendo expulso do país em outubro desse mesmo ano sob a pecha de subversivo. Retomou a carreira na Universidade de Dar Es Salaam, na Tanzânia, trabalhando no Departamento de História junto com figuras como Giovanni Arrigh e Terence Ranger. Em 1974, decidiu se transferir ao seu lugar de nascimento, sendo impedido de assumir um posto no Departamento de História na Universidade da Guiana pelo governo de Burnham.

No campo da militância, Rodney iniciou, como adolescente, entregando panfletos do PPP (*People's Progressive Party*) de casa em casa na Guiana Inglesa. Seu pai, alfaiate, e sua mãe, costureira, eram militantes desse partido que reivindicava o marxismo-leninismo enquanto identidade e princípio organizativo. Na Jamaica, como estudante de graduação, vivenciou de muito perto o terremoto da Revolução Cubana, a invasão patrocinada pelos norte-americanos e a transformação da ilha em Estado socialista. Em 1962, presenciou a independência da própria ilha jamaicana. Como aluno, envolto nas questões da juventude, viajou para Cuba, onde conheceu pessoalmente Fidel Castro, e para o leste europeu até a URSS.

Em Londres, na fase do doutorado, frequentou um grupo de estudos marxistas organizado pelo intelectual caribenho Cyril Lionel Robert James (CLR James) e esposa. Igualmente, ajudou, discursou e produziu volantes para a população caribenha da periferia londrina. De volta à Jamaica, no famigerado ano de 1968, se engajou no movimento *black power*, eletrizado, dentre outras coisas, pelo então recente assassinato de Martin Luther King Jr. Rodney optou por morar fora do *campus* e se tornou figura comum nos debates populares, dialogando e expondo ideias políticas nos grupos rastafaris. Após participar do I Congresso de Escritores Negros, no Canadá, teve sua volta à Kingston negada, gerando uma revolta popular conhecida como *Walter Rodney Riots*, em que grande parte da população negra e pobre da ilha incendiou carros e trancou ruas reivindicando a entrada do autor no país. Os discursos e intervenções públicas naquele contexto foram reunidos e publicados de imediato sob o título de *The Groundings With my Brothers*, primeiro documento escrito com suas ideias a circular em escala internacional (Rodney, 1969).

Na Tanzânia, entre 1969 e 1974, para além das atividades de ensino e pesquisa, se envolveu em grupos de discussão política, greves e reivindicações por melhores condições de vida e salário, além de vários colóquios internacionais expondo as condições

do socialismo tanzaniano, então batizado de *Ujamaa*. Na Guiana, a partir de 1974, Rodney fundou, junto com professores, alunos e funcionários da universidade, mais alguns grupos de trabalhadores mineiros e açucareiros da zona rural, o WPA (*Working People Alliance*), que no final dessa década se transformaria num partido político de fato. A pedra angular era a conscientização da população guianesa na perspectiva marxista, a luta parlamentar e extraparlamentar visando à derrubada da ditadura de Forbes Burnham e a construção de um verdadeiro Estado socialista.

Neste relatório, meu objeto é investigar a maneira com que Walter Rodney refletiu e utilizou efetivamente a perspectiva marxista no seu tempo durante sua segunda passagem na Tanzânia, entre 1969 e 1974. Minha hipótese principal é de que, embora plenamente inserido no campo acadêmico e na tradição ocidental, Rodney operou com um estilo de marxismo próprio, com teoria e prática umbilicalmente ligadas, fusionando a tradição clássica europeia com a tradição de luta caribenha, tanto negra quanto guevarista, e a situação concreta da África.

Em finais de setembro de 1968, ainda na Jamaica, Rodney escreveu uma carta para um amigo, Gordon Rohlehr, afirmando:

*Today, all that matters is the question and action: determined, informed and scientific action against imperialism and its cohorts. Just as Leonardo da Vinci was the archetype of Renaissance Man, so Che Guevara is the ideal of Revolutionary Man. All that is required is that one should extract the essence of his life's experience [...] Right now I am grappling with the problem of appropriate revolutionary line within a Jamaica context (Rodney apud Lewis, 1998, p. 111).*

Diria que C. L. R. James, no Caribe e na Europa, e Amílcar Cabral, na África, teriam sido as influências mais diretas nesse sentido sob Walter Rodney, para além da obra marxiana em si mesma. A peculiaridade do autor, não obstante, repousou no fato de ter sido um historiador consagrado e teórico respeitado, inserido num continente distinto, num contexto de recém-independência política e numa configuração onde raça e subdesenvolvimento se apresentaram de maneira bastante particular. E que fez parte tanto da vida acadêmica quanto da construção de um novo regime através do Estado tanzaniano.

Quando em Londres, frequentando o grupo de estudos sobre marxismo, Rodney estabeleceu contatos com o grupo da chamada *New Left Review*, como Eric Hobsbawm, Perry Anderson e Edward Palmer Thompson, historiadores como ele. Sobre esse grupo, Rodney testemunhou:

*From my brief meetings with some of them and my readings of their materials, my impression was they tended to be very facile, within a tradition of attempting to be clever – the idea was who could put forth clever formulations. I was never convinced of any depth or any seriousness of purpose among these people... And there was always that latent racism, sometimes coming out a paternalism, sometimes coming out in hostile manifestations (Hill, 1990, p. 31).*

Um afastamento que, de acordo com os críticos, não defasou em nada o conhecimento histórico de Rodney e sua capacidade de exposição. O famoso sociólogo e historiador Immanuel Wallerstein, por exemplo, ressaltou que Rodney, nos estudos sobre economia mundo, agenciamento, natureza das lutas sociais na história, estrutura da classe trabalhadora e as inter-relações entre raça e classe, se destacou pela extrema qualidade de suas análises e pioneirismo em muitas delas, abrindo caminho para outros historiadores desenvolverem suas abordagens (Wallerstein, 1985, p. 331-332).

O método que utilizei para verificar essa hipótese e desdobrar algumas considerações foi consultar quatro artigos/palestras que Rodney produziu no período em tela, localizados no arquivo Walter Rodney, na *Atlanta University*, sob os cuidados da *Robert W. Woodruff Library (Walter Rodney Papers)*. São eles: *A Brief Tribute to Amilcar Cabral*, *Marxism and African Liberation*, *Marxism as a Third World Ideology* e, finalmente, *Tanzanian Ujamaa and Scientific Socialism*.

Busquei entender os três primeiros artigos como um diálogo do autor com a tradição marxista, me esforçando em demarcar seus juízos sobre o marxismo e o respectivo emprego na realidade africana. O último artigo seria exatamente a aplicação concreta de um caso concreto, isto é, a situação do socialismo na Tanzânia tal como interpretada por Rodney naquele momento histórico, à luz de trechos específicos selecionados por ele da obra de Marx e Engels.

As conclusões a que cheguei foram que o autor, no campo marxista, se filiou à questão *ortodoxa do método* enquanto universal heurístico, se assemelhando com o filósofo húngaro George Lukács, de *História e Consciência de Classes* (1923), no ensaio canônico “O que é o marxismo ortodoxo”, embora não o cite em nenhum momento (Lukács, 2003).

Ao fundir, sem mais, o marxismo como sinônimo de Socialismo Científico, sempre grafado em maiúsculas, Rodney se afastou tanto do marxismo universitário quanto do socialismo africano e do pan-africanismo, plasmando, a meu juízo, um arcabouço original vazado justamente na sua experiência no Caribe e na África, e no *background* do campo da História enquanto disciplina acadêmica e área de pesquisa.

Inovou, outrossim, na medida em que justificou esse amálgama numa argumentação densa e numa prática política condizente com essa conceituação. A tudo isso chamo, ainda que de forma algo provisória, de *marxismo revolucionário caribenho-africano*.

Reconhecendo a existência das mais diversas correntes no marxismo – trotskismo, maoísmo, estalinismo etc. – Rodney salientou ser contraproducente o debate sobre as mesmas, circunscrevendo o *marxismo revolucionário caribenho-africano* enquanto uma *universal ideologia da classe trabalhadora e uma prática anti-imperialista e anticapitalista*.

Ao analisar a situação política na Tanzânia utilizando-se desse escopo, Rodney demarcou as diferenças profundas em relação ao chamado socialismo africano e ao pan-africanismo, considerados como ideologias heteróclitas e de fundo burguês, embora ambas dialogassem e aceitassem certos influxos do marxismo *latu sensu*. Hoje conhecemos a diversidade de experiências políticas que marcaram a África independente. A época, Rodney tendeu a tratar no nível de generalidade a crítica, a não ser em um ou outro caso em que citou o líder e o país africano em avaliação.

O arquivo Walter Rodney em Atlanta faculta o acesso à totalidade da obra do autor, não permitindo *a priori* qualquer tipo de reprodução digital ou física. Ao consulente é permitida a entrada somente com uma caneta e um papel. Assim sendo, meu trabalho foi deveras facilitado após a publicação de *Decolonial Marxism* pela editora londrina Verso, que publicizou os documentos em tela (Rodney, 2022).

Entre a versão original nos arquivos e essa versão impressa, as modificações foram de uma ou outra palavra, eventualmente ilegível no original, e o acerto de datas e citações. Assim, acompanho os textos publicados nessa coletânea, numerando a cada citação a página onde se encontra no exemplar em *e-book*. Os textos, como disse acima, foram produzidos entre 1971 e 1974, embora o livro não aponte data, uma insuficiência grave que deve ser corrigida nas próximas edições.

Também aqui minha discordância com o título, na medida em que, como tentarei demonstrar, Rodney não se contrapôs a epistemologia ocidental *de per se* e nem ressaltou a questão racial enquanto um imperativo formatador de suas reflexões, o que o levaria de maneira mais objetiva ao universo da decolonialidade. Sustento que foi um revolucionário marxista de formação caribenha atuando em condições concretas na África Oriental, muito diferente da figura acadêmica militante dentro de um campo intelectual demarcado. Daniel Montanez Pico, por exemplo, no excelente livro *Marxismo Negro: Pensamiento Descolonizador del Caribe Anglófono*, elenca uma dezena de pensadores marxistas

nascidos no Caribe no século XX, de Oliver Cox a Stuart Hall, passando por Eric Williams a Rhoda Reddock. Apenas Walter Rodney foi encontrar a morte numa atividade revolucionária, um índice sintomático do que pretendo demonstrar. (Pico, 2020).

O que não diminui e nem desqualifica a vida e a obra de todos os autores trabalhados por Pico, que aliás demonstra que as marxistas e os marxistas negros advindos do Caribe amiúde tiveram em vista a união entre teoria e prática, muitos tendo carreiras e vida pessoal altamente prejudicadas por se organizarem e lutarem contra a sociedade de mercado.

## 11) Teoria e prática

Walter Rodney dedicou um artigo para analisar, e de certa forma homenagear, o líder da independência de Cabo Verde, Amílcar Cabral, assassinado em 20 de janeiro de 1973. Considerou que o marxismo de Cabral era algo de vida e de morte, donde a ligação indissociável entre a teoria e a prática. Em uma passagem citada de algum discurso de Amílcar Cabral, sem data, o autor demonstrou a importância tanto da independência quanto da transformação social no sentido da modernização da tecnologia e, conseqüentemente, da cultura africana:

*Independence is not just a simple matter of expelling the Portuguese, of having a flag and a national anthem. The people must be secure in the knowledge that no one is going to steal their labour, that the wealth of the country is not going into somebody else's pocket. Even today the Guinean people stand naked and are still afraid of the river, the rain and the forest. We tell the Guinean people that by their work the river will be tamed, and the rain will be put to good use (Rodney, 2022, p. 14).<sup>4</sup>*

Isto é, não só uma independência política era necessária senão um salto econômico que retirasse o povo africano do que se entendia tratar de atraso e medo frente à natureza, propiciando maior produção de riqueza através de uma exploração racional dos recursos naturais.

No final da reflexão, Rodney destacou a qualidade de Cabral no sentido de nunca delimitar *a priori* o elemento revolucionário e o elemento reacionário numa luta por independência. Todas as classes envolvidas nesse sentido carregariam em germe um

---

<sup>4</sup> Como já comentado, nas demais citações em inglês constará apenas o número da página da obra em referência nesta citação.

potencial revolucionário, cabendo ao líder e ao movimento desenvolverem e consolidarem essa faceta (p. 15).

## 12) O marxismo na África

Esse deve ter sido provavelmente o tópico em que por mais vezes Walter Rodney foi confrontado, tendo em vista a crítica daquele tempo, e que ainda hoje se faz presente, de que o marxismo se define por ser uma ideologia eurocêntrica, escrita e desenvolvida por homens brancos, sem valor real para o continente africano, para as lutas pela independência e contra o racismo.

De maneira engenhosa, o autor assinala que o fato da pergunta sempre aparecer – o marxismo é relevante em tal século ou em tal área – já seria por si revelador de uma batalha no campo das ideias. Porque não seria acompanhada pela pergunta oposta, por exemplo: qual a relevância do pensamento burguês para a África? Assim, a consideração de uma perspectiva como universal, a burguesa, enquanto outra como particular, o socialismo científico/marxismo, revelaria uma faceta da luta política.

No caso da África de colonização britânica, o problema estaria mais aguçado, dado o fato da força de repulsão ou apagamento na cultura da tradição marxista:

*If you were to check on the continental tradition in Europe, you would find it is not the same. French, German and Belgian intellectuals, whatever their perspective, understand the importance of Marxism. They study it, they relate to it, they understand the body of thought that is called Marxism and they take a position vis-à-vis that body of thought. In the English tradition, which was also handed down to this part of the world, to the Caribbean, to many parts of Africa, it is fashionable to disavow any knowledge of Marxism. It is fashionable to glory in one's ignorance, to say that we are against Marxism (p. 47-8).*

Rodney passa então a expor o porquê de entender tratar o marxismo de uma perspectiva universal de pensamento.

## 13) O marxismo como metodologia

Primeiro, Rodney entende o marxismo como uma metodologia, portanto algo que não se restringe a um tempo e a um espaço circunscrito: *“Because a methodology would, virtually by definition, be independent of time and place. You will use the methodology at any given time, at any given place”* (p. 50).

O método é entendido como destaque primordial para a transformação ininterrupta da história através do trabalho, ou seja, da relação do homem com o mundo material. O marxismo, no século XIX, traria essa novidade de pensar o início da história através da atividade material e da intervenção produtiva do homem na natureza. Desse processo se manifestariam diferentes tipos de consciência:

*So, this is the crux of the Scientific Socialism perception. A methodology that address itself to man's relationship in the process of production on the assumption, which I think is a valid assumption, that production is not merely the basis of man's existence, but the basis for defining man as a special kind of being with a certain consciousness (p. 52).*

Rodney tratava como sinônimos marxismo e Socialismo Científico, grafando esse último sempre em letras maiúsculas. E completava que, ao contrário do texto bíblico, no início não era o Verbo, mas o Verbo teria derivado das relações humanas envoltas nos processos de produção material e manutenção da existência.

Como produção e manutenção da existência através da produção e da circulação de valores de uso, e conseqüentemente do desenvolvimento da linguagem e da cultura, são processos que ocorreram em todo o planeta com o ser social, o método marxista, que se apega exatamente a esse esquema, seria universal, servindo tanto para Marx na Inglaterra no século XIX quanto para Amílcar Cabral na África no século XX. O conteúdo advindo do método de pesquisa histórica é que seria diferente em cada caso.

Na questão de Cabral, Rodney argumentou que em Cabo Verde e Guiné Bissau não existia uma história escrita para que o método marxista fosse aplicado. Cabral, de maneira criativa, teria reconhecido tanto essa falta quanto a necessidade de supri-la, se propondo a escrevê-la através da análise da evolução tecnológica daquela sociedade. Todavia, reconhecia que, por conta das peculiaridades históricas locais, classes não havia na Guiné Bissau, e, portanto, não seria uma “história da luta de classes”, mas tampouco uma história apartada do método marxista.

Nesse ponto, Rodney passou a atacar uma forte vertente das argumentações antimarxistas na África, que considerava a não existência de classes sociais uma prova de que a questão chave para entender o passado do continente seria de raça, portanto, fora do horizonte do marxismo clássico.

A meu juízo, o autor se aproximou de Caio Prado Junior, autor de *Formação do Brasil Contemporâneo* (Prado Jr., 2000), quando entrou a contestar a ojeriza de certos grupos de esquerda na África em relação ao marxismo sublinhando que a África moderna, colonizada outrora e em processo de descolonização, estaria configurada, acima de tudo,

como uma manifestação das contradições capitalistas, das formas de sua concretização naquele tempo e espaço (p. 56):

*Even without the translation in terms of time and place, it seems to me that if we have become part of the capitalism-imperialism world, then we owe it to ourselves to relate to, to follow, to understand, and hopefully adopt and adapt a critique of that capitalism system because that is essentially what Marx's writing is about ... If we want to understand the world in which we live, which is the world dominated by capitalism, then we must understand the centre of that system, the motor of that system, the types of exploitation which are to be found within the capitalism mode of production (p. 55-6).*

Rodney entendia que, sem uma intervenção consciente e coletiva no sentido contrário, o capitalismo iria adentrar mais e mais o continente, destruindo e substituindo todas as relações existentes, tanto no plano político-econômico quanto no plano da cultura.

#### **14) O marxismo como ideologia**

Numa segunda vereda de argumentação, Rodney passou a tratar o marxismo enquanto uma ideologia revolucionária e uma ideologia de classe. Na sociedade capitalista, todas as ideologias seriam ideologias de classe. A ideologia da classe trabalhadora *latu sensu* seria o Socialismo Científico:

*I would suggest, historically, as Marx suggested himself, that the ideas we call Scientific Socialism arose within capitalist society to speak to the interest of the producers in that society, to speak to the interest of the oppressed, of the culturally alienated (p. 56-7).*

O marxismo, nesse sentido, teria seu núcleo na superação do capitalismo, ao contrário de sua corrente adversária, considerada genericamente como “idealismo”, a favor da manutenção do sistema como um todo. Rodney não estava alheio às discussões dos mais diversos calibres e das manifestações nas mais diversas correntes das ciências humanas da tradição marxista. Porém, não hesitava em destacar o núcleo revolucionário em detrimento do aspecto acadêmico e formal, por assim dizer:

*From time to time there are Marxists who have arisen, who have attempted to deny or denude Marxism of its revolutionary content. That is true. There are Marxists who have become legal or armchair Marxists, who would like to see Marxism as merely another variant of philosophy and who treat it in a very eclectic fashion, as though one is free to draw from Marxism as one draws from Greek thought and its equivalent (p. 58).*

É muito semelhante essa crítica, como afirmei na Introdução, com o que ficaria conhecido como “marxismo ocidental”, tal como apareceu no livro escrito por Perry Anderson naquele mesmo período (Anderson, 1976). Isto é, o marxismo predominante na Europa no pós-segunda guerra seria aquele marcado pela derrota da tentativa de superação do capitalismo, com a teoria apartada da prática e com preocupação quase que exclusiva na filosofia, donde uma linguagem cifrada e de difícil entendimento para os não iniciados. Até o estágio atual da minha pesquisa não encontrei referência aos trabalhos de Perry Anderson nos textos aqui em análise e nem em outros documentos de Rodney, com exceção do excerto na introdução sobre a *New Left*.

Para vários líderes e grupos considerados de esquerda na África, uma outra questão se colocava naquele momento da guerra fria e da emancipação política dos países do continente. A busca de uma alternativa entre o capitalismo e o socialismo, uma terceira via que, para Rodney, caracterizaria o chamado “pan-africanismo”. O exemplo utilizado pelo autor foi o do líder de Gana, Kwame Nkrumah, herói da independência de seu país e que se autointitulava, de acordo com o autor, de marxista, protestante e pan-africanista. Formando uma confusa mistura de pensamento e ação fadada ao fracasso: “*Their conception of what was a variant different from bourgeois thought and different from socialist thought inevitably turned out to be merely another branch of bourgeois thought* (p. 60)”.

Me parece que Rodney, como um historiador e intelectual que era ao mesmo tempo um revolucionário, tinha em mente a necessidade de um caminho claro e distinto a ser traçado, com uma ideologia assertiva e despida de elementos de outras tradições:

*And this was the problem, that bourgeois thought, and indeed socialist thought, when we get down to it, can have a variety of developments or roads and aspects or paths. With bourgeois thought, because of its whimsical nature, and because of the way in which it prompts eccentrics, you can have any road, because, after all, when you are not going any place, you can choose any road* (p. 60).

Em outras palavras, tratar-se-iam de líderes importantes que, ao tentarem verdadeiramente romper com a tradição burguesa, por conta desse ecletismo, encontraram de outro lado novamente um arcabouço de pensamento e práticas burguesas. Rodney chamou a atenção para o fato de estar criticando líderes honestos, comprometidos com a causa da emancipação do povo africano. Nem caberiam considerações a respeito dos desonestos e/ou aliados da dominação estrangeira.

Seguindo com o exemplo de Nkrumah em Gana, Rodney descreveu sua queda pelo fato de não entender as ligações do capital internacional com as elites locais, e não levar em conta a formação de uma pequena burguesia interna que teria assumido o compromisso de manejar os interesses imperialistas com os interesses capitalistas em Gana. Nkrumah percebeu esse contexto tarde demais, já expulso do poder e no exílio na Europa:

*Yes, there are classes in Africa. Yes, the petty bourgeois is a class with interests fundamentally opposed to workers and peasants in Africa. Yes, the class interest of the petty bourgeois is the same or at least is tied in with the class interest of international monopoly capital, and therefore we have in Africa a class struggle within the African continent and a struggle against imperialism (p. 62).*

Apenas o Socialismo Científico daria conta de um entendimento mais correto dessa realidade, fornecendo os meios eficazes para a sua transformação. E a crítica de Rodney se fazia mais intensa contra os que acreditavam ou proferiam o pensamento de que Marx, pelo simples fato de ser europeu, não serviria para o verdadeiro interesse do povo africano:

*People have no difficulty relating to electricity, but they say, "Marx and Engels, that's European!". Was Edison a racist? But they ask the question, "Was Marx a racist?" They genuinely believe that they are making a fundamental distinction, whereas, in fact, they are obscuring the totality of social development (p. 63).*

Concluía com o problema da independência sem revolução. Para o autor, dada a configuração internacional e nacional, não era possível para a pequena burguesia africana se assenhorar do poder e garantir a participação política e na renda nacional das camadas de trabalhadores urbanos e camponeses nos marcos do capitalismo e da economia de mercado. Na revolução socialista repousaria a chave de um futuro promissor para as classes populares, e para tanto, a ideologia marxista teria que se espalhar para todo o continente: *"As Cabral said: 'There may be revolutions which have had a revolutionary theory and which have failed. But there has certainly been no revolution which has succeed without a revolutionary theory'"* (p. 64).

## **15) O marxismo e o terceiro mundo**

Rodney se posicionou assertivamente na questão de que tipo de marxismo seria mais produtivo aos chamados países de terceiro mundo. Reconheceu que o marxismo

estava saturado de controvérsias, linhas de interpretação, tradições e pontos de divergência, tanto no campo da teoria quanto no da prática.

Defendeu, todavia, que os marxistas dos países periféricos deveriam ignorar as polêmicas e mesmo as separações demarcadas entre trotskistas e estalinistas, ou soviéticos e chineses. A questão de definição seria única: o marxismo enquanto uma *prática comum anti-imperialista e anticapitalista*: “*I will go on to suggest that, on principle, the introduction of Marxism factionalism into Third World political discussions in a priori fashion is usually destructive, and at best pointless*” (p. 66).

O argumento é que nos países periféricos o marxismo seria duplamente condenado pelo *establishment* internacional, por conta desses países, recém-independentes ou em processo de independência, não possuírem uma cultura burguesa consolidada ou instituições formais de cultura onde o marxismo pudesse ser algo domesticado e voltado exclusivamente para a teoria:

*It is generally true that while colonialists were hostile towards Marxism inside of their own countries, they were doubly hostile to Marxism and to Marxists who might appear in India, in parts of Asia, Africa, Latin America and the Caribbean. Quite obviously, it has not been an easy history for Marxism thought inside of the Western countries... But the bourgeois metropolitan system has certain capacity to accommodate. It sometimes, in fact, goes out of its way to incorporate some individuals who are outside of the so-called mainstream, and it will therefore give and take within the limits of its own maintenance and it will allow some Marxist thought to exist* (p. 68).

Ao não poder fruir desses espaços, os marxistas africanos, se quisessem realmente permanecer nesse lugar, estariam fadados à atividade prática revolucionária. Penso que Rodney sugeria tanto uma inevitabilidade quanto uma obrigação nesse sentido.

Diante desse cenário, as ligações do marxismo com os países coloniais teriam sido extremamente censuradas. A primeira geração de intelectuais, no início do século XX, conservaria um forte idealismo, desconhecimento e mesmo preconceito com as questões do socialismo. Para o autor, essa situação fora reforçada com a propaganda ocidental a respeito da pobreza nos anos iniciais da URSS e da China comunista. Não obstante, com a consolidação desses regimes e, na visão do autor, da sucessiva melhora econômica e social respectivas, ficaria muito mais difícil esconder os êxitos de uma sociedade organizada na inspiração marxista (p. 70). Assim, novas táticas estariam sendo desenvolvidas para desautorizar o marxismo na África.

A primeira seria a campanha de tratar o marxismo como algo válido, mas não adaptável às especificidades do continente:

*Marxism in the Third World – I've seen this in Africa, it's happening in the Caribbean, it happens in Asia – is counterposed against some other version or vision the world. Africans or West Indians will be told: "We understand that Marxism has some validity, but we do not think that Marxism is relevant for us. We have to look for our own solutions" (p. 71).*

A segunda, algo derivado da objeção acima, seria a concepção de que ambas as sociedades, capitalista e socialista, ofereceriam igualmente inspirações para que as sociedades atrasadas copiassem:

*A second variant on the same theme that is often interconnected, is that one can be told that there is some strength in Marxism and in socialism on the one hand, and there is some strength in capitalism and capitalism theory on the other hand; and that one of our tasks is to borrow intelligently from the two systems (p. 72).*

Rebatendo a primeira linha de raciocínio, Rodney admitiu que, num contexto de emancipação política frente a uma metrópole estrangeira, o apego ao local em oposição ao internacional calaria fundo no imaginário popular. Retomou, não obstante, a concepção universalista do marxismo no sentido engelsiano de um campo de conhecimento não só voltado para a sociedade e a história, senão igualmente para a natureza e as ciências físicas.

O marxismo só com má fé seria tido como não utilizável para qualquer lugar. Todas as sociedades humanas padeceriam da contradição – umas mais, outras menos - entre um grupo que apropria o excedente econômico, mas não está diretamente ligado ao trabalho produtivo, e um grupo maior que produz todo o excedente, mas é apartado das decisões políticas e do usufruto da riqueza. Marx:

*He made it very clear that that which he and Engels had been dealing with a systematic and detailed formulation of the development of capitalism within Western Europe; and that they had attempted to describe and understand the specific features of capitalism specific to Western Europe. So that the universality which both he and Engels claimed, was not the universality that applied to Western Europe. The 'universality' is the universality of contradiction; the universality which can be determined by utilizing the historical materialist method with relationship to any given society (p. 75).*

Considerando o marxismo uma ciência em progresso, agregando sempre novos conteúdos através da pesquisa e potencializando sua capacidade de análise e ação, o autor sopesava que o terceiro mundo fertilizá-lo-ia ainda mais. *"Just like with any body of science, it is not static; it takes in new ideas, it has new discoveries, it responds to the variation as scientific enquiry continues" (p. 76).*

E a constatação era que, com os movimentos de libertação na África e no Caribe e na Ásia, o marxismo terceiro mundista se encontraria em plena ascensão. Rodney fazia questão de registrar a necessidade de separar claramente os elementos capitalistas dos elementos socialistas na fase de lutas e implantação de novos regimes:

*It becomes immediately obvious that one cannot have a foot in both camps; it is not possible to talk about the coexistence indefinitely of a socialist and capitalist system. There may be, at a certain point of transition, the incorporation of elements which are capitalist in a socialist system and vice versa. But if that is so, then we will have to examine the tendency; we will have to examine which of the contradictions features is manifesting itself ultimately to become the dominant system (p. 77-8).*

Uma crítica dirigida também à chamada política da coexistência pacífica entre EUA e URSS, que, de um certo modo, tendia a congelar a correlação de forças internacional e impedir ou dificultar a radicalização de regimes de inspiração socialista.

Como exemplo histórico, o autor citava Senegal sob a liderança de Leopold Senghor, localizado no campo da esquerda com essa coloração de um sistema misto entre socialismo, capitalismo e africanismo. A conclusão de Rodney era de que, na prática, a mistura era falsa, e o capitalismo senegalês seguia como momento predominante do processo.

A derrota de N'Krumah em Gana havia o levado, no exílio, a desenvolver uma análise marxista da prática política na África, reforçando a tendência revolucionária em detrimento da conciliação com elementos capitalistas. A China, na visão de Rodney, demonstrava que o marxismo podia ser “amarelo”, colocando na ocasião quase 1 bilhão de pessoas sob seu tacho. As guerrilhas na África portuguesa, as novas universidades africanas, e a própria existência do Leste europeu e de Cuba, Vietnã e Coreia do Norte eram provas de que o marxismo avançava no terceiro mundo, tanto do ponto de vista prático quanto do ponto de vista teórico.

Rodney enxergava a si mesmo como uma peça nesse movimento ascensional da revolução e do anti-imperialismo, vaticinando por novos tempos que estavam se desenhando no horizonte.

## **16) O marxismo aplicado na África: o caso da Tanzânia**

A emancipação política da Tanzânia foi bastante peculiar, se comparada aos outros países de seu entorno. A figura central foi Julius Nyerere, apenas o segundo

indivíduo nascido naquela região a completar um curso superior, no caso, em História. Antes de se lançar na política se consolidou na carreira de professor (*Mwalimu*), o que lhe rendeu um profundo respeito em todas as etnias (Zeilig, 2022, p. 38).

Em 1954, Nyerere foi um dos fundadores do TANU (*Tanganyika African National Union*), partido de inspiração socialista. Ascendeu a cargos dentro da estrutura colonial britânica, que então administrava o território da Tanganica. Em 13 de dezembro de 1962, após um processo bem-sucedido de negociação, a Tanganica se emancipou politicamente da Inglaterra, se tornando o mais novo membro da *Commonwealth*.

Em janeiro de 1964, a ilha de Zanzibar, vizinha, já independente igualmente dos britânicos, foi palco de uma revolução popular liderada por Abeid Karume, do Partido Afro Shirazi (ASP). O sultão foi derrubado e um regime de esquerda foi rapidamente instalado na ilha. Coincidindo seus interesses e alianças, Nyerere e Karume estabeleceram uma fusão, fazendo nascer assim a República Unida da Tanzânia, em 23 de abril de 1964 (Barbosa, 2019, p. 92).

Com Nyerere na presidência e Karume na vice, a Tanzânia se posicionou a princípio enquanto um país não alinhado, que buscava uma social democracia sem necessariamente reivindicar a tradição marxista. O regime foi batizado de *Ujamaa*, um sinônimo para o conceito amplo de família comunitária (Zeilig, 2022, p. 39). Internamente, o Estado tanzaniano plasmou-se num regime de partido único, centralizando a economia e fomentando uma estrutura produtiva não mercantil. Os conceitos da *Ujamaa* foram implementados no movimento estudantil e nas forças armadas, através de um vigoroso trabalho educativo e de formação capitaneado pelo TANU. Em 1965, ao estabelecer plenas relações diplomáticas com a Alemanha Oriental, a Tanzânia se viu num imbróglcio internacional, sendo atacada pela Alemanha Ocidental e tendo suas relações cortadas com a mesma.

Para além disso, Nyerere viajou à China comunista e iniciou um processo de aproximação com Mao Tsé Tung. Também se posicionou contra o regime de *Apartheid* na África do Sul e na Rodésia, resultando num desgaste irreconciliável com Londres, rompendo relações também com a Inglaterra, sendo o primeiro país da *Commonwealth* a fazê-lo. O embaixador da Tanzânia em Kinshasa, no Congo, interceptou uma mensagem secreta que sugeria o preparo de uma intervenção norte-americana para derrubar Nyerere, o que acabou não se concretizando (Wache, 2017, p. 72). Naquele cenário, o líder tanzaniano acelerou ainda mais as transformações, estatizando toda a indústria e organizando fazendas coletivas país afora. No dia 5 de fevereiro de 1967, na cidade de

Arusha, decretou-se oficialmente o caráter socialista da Tanzânia, na famosa *Arusha Declaration* (Zielig, 2022, p. 102).

O país se tornou um apoiador e um refúgio para os grupos revolucionários do entorno. A Universidade de Dar Es Salaam, por muitos anos então, se transformou no maior polo acadêmico de intelectuais exilados na África Oriental. Foi naquele contexto que Walter Rodney viveu e escreveu, entre tantos outros trabalhos, *Tanzanian Ujamaa and Scientific Socialism*, o qual passo a analisar adiante.

Rodney considerou a *Ujamaa* em dois sentidos. O desenvolvimento do senso comunitário e igualitário impresso nas tradições dos povos que compunham a Tanzânia e também a organização, via Estado, da agricultura tanzaniana, pontos que afinal de contas eram convergentes: “*The relation between the two is that the Ujamaa villages seek to recapture the principle of joint production, egalitarian distribution and the universal obligation to work with were found within Africa communalism*” (p. 244).

Na prática tratar-se-ia de uma engrenagem na posição anti-imperialista e anticapitalista do país, diferente, de acordo com o autor, de líderes de nações que se localizavam no espectro da esquerda, como Leopold Senghor, de Senegal e Tom Mboya, do Quênia, políticos que fomentariam o socialismo apenas enquanto uma ideologia de Estado, que na prática se mantinha na esfera capitalista.

Rodney assegurou que pensar o Socialismo Científico apenas possível através de uma revolução proletária em um país industrializado seria um grande equívoco. O caminho efetivo tomado pela Tanzânia seria o Socialismo Científico na medida em que mantinha a socialização dos meios de produção num contexto de abundância como destino último, buscando esse objetivo através de transformações efetivas dentro dos limites e das peculiaridades da situação africana. Outros socialismos na África é que seriam utópicos:

*Utopian socialism, or at least utopian elements in socialism thought, have persisted and reappeared from time to time. ‘African Socialism’ is utopian in its refusal to come grips with the class relations in which Africans are enmeshed and its romanticized ignorance of the stages of African historical development* (p. 247).

O autor polemizava com alguns líderes e intelectuais africanos que diziam não existir classes na África e que, portanto, nenhum investimento estrangeiro poderia corromper ou promover desigualdades sociais.

No processo tanzaniano, de fato, havia ocorrido uma desapropriação de uma pequena burguesia de origem indiana, controladora de grande parte do comércio

internacional e das finanças no período colonial. A nacionalização posterior das indústrias e da agricultura havia levado a um atrito profundo com a Inglaterra e os Estados Unidos, fazendo com que as multinacionais ligadas a esses países se retirassem ou esfriassem as relações econômicas. A *Arusha Declaration*, que Rodney citava, dizia ser inconciliável o capitalismo com o socialismo, portanto, se afastava do ideário “utópico” da mistura entre ambos.

Os elementos privados, sistema de salários e hierarquia, eram vistos por Rodney como componentes passageiros da nova sociedade que estava sendo construída, e não permanências valorizadas, como parecia ser o caso do “socialismo africano”. No interior do país havia várias regiões que a organização comunal não tinha alcançado, por conta da falta de força do Estado, mas também da variação étnica que compunha a nação. Assim, em muitos lugares ainda havia médios e pequenos proprietários de terras que praticavam uma agricultura que abastecia o mercado interno e que igualmente exportava parte da produção, facultando o assalariamento de trabalhadores sem-terra. Nyerere, em seus discursos, acusava essa situação como negativa, tendendo a recrudescer a desigualdade herdada do tempo colonial. *“Marx and Engels attacked ‘Proudhonism’ because, among other things, Proudhon saw socialism as being based on independent petty producers of the artisan class”* (p. 249). Pequenos e médios produtores independentes explorando mão de obra assalariada não constituiriam um caminho para a *Ujamaa*.

Rodney passou a expor o debate sobre a questão agrária russa, tal como ocorrida nas cartas de Marx aos populistas no século XIX, indicando que a possibilidade do salto ao socialismo poderia ocorrer caso a igualdade da comunidade agrária russa fosse salva por uma revolução no Ocidente:

*For purposes of an analogy with Tanzania and Africa, what is crucial is that the founders of Scientific Socialism seriously and enthusiastically contemplated a variant of socialism very much akin to Ujamaa, and they indicated the conditions under which it might be realized. The most important requirements were: first, that the “traditional” forms should exist in real life and have some social vitality; and second, that international conditions should be favorable owing to a socialist breakthrough in some part of the world (p. 254).*

Rodney, após um estudo exaustivo da história africana, refletiu que o comunitarismo africano havia sido quase que totalmente desmontado pelo passado feudal e pela organização da empresa colonial europeia. Uma ação consciente e enérgica do Estado poderia evitar ainda mais essa degeneração. A continuidade da inserção africana

no mercado internacional cuidaria por reforçar a desigualdade no mundo rural e a consequente estratificação hierárquica.

A possibilidade de evitar a degeneração comunal e desenvolver o núcleo comunitário estaria na revolução mundial, inexistente no século XIX em relação à Rússia, todavia, presente na segunda metade do século XX, com o campo socialista e sua relação comercial com os países aliados na África. Estaria na seara do Socialismo Científico a *Ujamma*, ao intervir fortemente no campo e organizar as vilas de maneira comunista, ao combater a estratificação e o dinheiro e ao mesmo tempo articular relações políticas e comerciais cada vez mais aprofundadas com os estados socialistas já existentes:

*After Marx's time, new (Scientific) Socialist ideas have been elaborated out of revolutionary experience. Their accuracy and relevance have been tested by nothing less than the experience of building socialism in economically backward countries in the teeth of imperialist opposition. Ujamaa has not yet been fully tested in this sense and there are a wide range of "social engineering" problems which have still to be tackled in the creation of new structure, new values and ultimately a new socialist man (p. 259).*

Seguindo o raciocínio do autor, seria impossível uma África com os padrões de vida para grande parte de sua população tal como nos países centrais do sistema, dado o papel do continente na divisão internacional do trabalho. Também impossível seria uma passagem natural ao socialismo, baseado em tradições animistas e baixo nível tecnológico da agricultura, sem o enfrentamento ao mercado mundial do Ocidente e sua pressão financeira e militar.

Embora também a *Ujamaa*, transformando radicalmente a sociedade tanzaniana, não ser uma garantia de sucesso ou um processo sem contradições e recuos. Rodney repetiu mais de uma vez a questão de não haver modelo a ser seguido em Marx e Engels. E destacou que, ao atacar o baixo nível tecnológico e a organização hierárquica da agricultura, num projeto umbilicalmente ligado com as grandes cidades e a indústria, a *Ujamaa* se situaria em pé de igualdade com outros desenvolvimentos práticos do socialismo no século XX:

*Even the more progressive African political and ideological leadership long neglect countryside, and opted for a one-sided industrialization strategy. Tanzanian Ujamaa is a unique contribution to the African socialism and to socialism theory as a whole because of its solid connections with the observable data in the Tanzanian countryside. This is the characteristic which causes "Leninism" and "Maoism" to be considered as having enriched the Scientific Socialism of which Marx and Engels were the founders (p. 260).*

Para o autor, o poder das vilas comuniais e do próprio socialismo repousaria nos camponeses enquanto sujeitos cada vez mais conscientes, levando ao destaque igualmente da *intelligentsia* africana comprometida de corpo e alma com o novo regime.

Não importava, na visão de Rodney, que o presidente Julius Nyerere não professasse abertamente o marxismo. Isso seria uma questão de forma: “*In the final analysis, simple honesty is vital ingrediente to Scientific Socialism – honesty in the cause of man, the workers and dedication to his emancipation*” (p. 263). A questão da consciência era chave para a transformação, e daí a afirmação da importância dos grupos de educação popular nas vilas, desenvolvendo uma subjetividade e uma ética de novo tipo.

### **17) Considerações finais**

Evidentemente, o autor parece ter se equivocado em várias de suas previsões. Ao invés de evoluir para mais países e se aperfeiçoar internamente, o socialismo momentaneamente entrou em crise, sofrendo um baque de proporções catastróficas com o desaparecimento dos regimes do leste europeu, a partir de 1989, e da URSS em 1991.

Assim também as condições de política externa dos países africanos aliados ao campo socialista se deterioraram, fazendo com que muitos dos ganhos sociais e econômicos dos anos 1970 fossem perdidos nas décadas seguintes. Internamente, na Tanzânia, a *Ujamaa* entrou em declínio, e o Estado foi progressivamente se adaptando às relações mercantis, abandonando os batalhões de ensino nas vilas e a organização política e cultural nos termos da *Arusha Declaration*.

Penso que, malgrado o futuro próximo diferente do imaginado, Walter Rodney tratou o marxismo na África com criatividade e ousadia, deixando um legado ainda hoje atual e necessário de ser estudado. Os problemas sociais africanos, assim como de todos os países periféricos do sistema, como o atraso tecnológico e a falta de acesso ao mercado de trabalho e ao consumo, se não pioraram, permaneceram em níveis críticos.

Entendo que a questão entre luta antirracista e marxismo recebe um influxo positivo com o debate sobre o que Rodney escreveu e a forma como viveu. Dentro do período e da problemática que delimita, Rodney mostrou que as questões universais são encaminhadas de forma mais efetiva através do marxismo, sem nunca desconsiderar as peculiaridades de raça e tradição.

O autor pontuou assertivamente a existência de classes na África, e sua plena articulação com o mercado internacional. Pleiteou um necessário avanço educacional e industrial, reivindicando uma exploração racional de suas riquezas e a nacionalização da cadeia produtora do valor, subsumida a estratégia de avanço para uma sociedade socialista. Numa entrevista à professores norte-americanos do *Institute of the Black World*, de Atlanta, em 1975, ilustrou:

*There is a mistaken belief that black people achieved power with independence ... a black man ruling a dependent state within the imperialist system has no power. He is simple an agent of the whites in the metropolis, with an army and a police force designed to maintain the imperialist way of things in that particular colonial area* (Rodney, 1990 apud Hernández, 2018, p. 89).

Curiosamente, classificou como utopia o chamado “pan-africanismo”, no sentido de prometer, mas não atingir uma sociedade mais harmônica e igualitária. O “socialismo africano”, que reconhecia tradições comuniais no passado do continente e encaminhava uma aplicação natural do socialismo, sem enfrentar as contradições entre as classes africanas e entre elas e o capital internacional, também recebeu do autor a pecha de utopismo.

Viabilizando o marxismo no seu lugar e no seu tempo, Rodney o separou das querelas filosóficas, o definiu simplesmente como uma prática anti-imperialista e anticapitalista, demonstrando sua capacidade universal de descrever e encaminhar os conflitos econômicos e políticos para uma resolução positiva. Como historiador, levou em conta o método contido na tradição do Socialismo Científico, válido em qualquer tempo e lugar, na medida em que partia da necessidade ubíqua de produção de distribuição de bens necessários a vida.

Vaticinou pela possibilidade de o comunismo africano, ao menos o que restava dele, ser defendido e elevado a um patamar maior se ajudado pelos países socialistas mais desenvolvidos, relacionando assim a África dos anos 1970 com o debate entre Marx e os populistas russos da segunda metade do século XIX.

Rodney, nunca é demais lembrar, não defendeu essas ideias em abstrato, senão na luta política a quente, com todas as suas dificuldades e becos sem saída. No sentido dos apontamentos de Grosfoguel, exprimiu ideias e práticas do marxismo negro, muito mais do que aquelas do universo decolonial, sobretudo após esse se metamorfosear em modismo acadêmico nas últimas décadas do século XX (Grosfoguel, 2018, p. 14).

Ainda na questão decolonial, tal como Daniel Pico caracterizou Oliver Cox, diria que Walter Rodney se afastou dessa perspectiva no seu período na Tanzânia por colocar

o capitalismo enquanto enigma principal, e o racismo enquanto problema secundário, além de considerar parte da cultura da modernidade - *o marxismo* – como mais capacitada para a libertação universal (Pico, 2020, posição 1424).

### 18) Walter Rodney e a Revolução Russa:

Na virada dos anos 1960 para os anos 1970, a Tanzânia experimentou o auge da construção do seu socialismo, batizado de *Ujamaa*, comunidade ampliada ou família comunitária na tradição local (Zeilig, 2022, p.40). O caminho até então trilhado pelo país da África Oriental havia passado pela independência frente à Inglaterra no ano de 1962 e a união com a ilha de Zanzibar em 1964. A Tanzânia era então liderada pelo TANU (*Tanganyika African National Union*), de inspiração socialista, enquanto em Zanzibar havia ocorrido uma revolução popular de esquerda que derrubou o antigo sultão. Julius Nyerere e Abeid Karume tornaram-se presidente e vice, respectivamente (Barbosa, 2019).

Internamente, o Estado tanzaniano plasmou-se num regime de partido único, centralizando a economia e fomentando uma estrutura produtiva não mercantil. Os conceitos da *Ujamaa* foram implementados no movimento estudantil e nas forças armadas, através de um vigoroso trabalho educativo e de formação capitaneado pelo TANU. Em 1965, ao estabelecer plenas relações diplomáticas com a Alemanha Oriental, a Tanzânia se viu num imbróglio internacional, sendo atacada pela Alemanha Ocidental e tendo suas relações cortadas com este país.

Para além disso, Nyerere viajou a China comunista e iniciou um processo de aproximação com Mao Tsé Tung. Também se posicionou contra o regime de *Apartheid* na África do Sul e na Rodésia, resultando num desgaste irreconciliável com Londres, rompendo relações, outrossim, com a Inglaterra, tornando-se a Tanzânia o primeiro país da *Commonwealth* a realizar tal feito. O embaixador tanzaniano em Kinshasa, no Congo, interceptou uma mensagem secreta que sugeria o preparo de uma intervenção norte-americana para derrubar Nyerere, o que acabou não se concretizando (Wache, 2017, p. 72).

Naquele cenário, Nyerere acelerou ainda mais as transformações, estatizando os principais ramos da indústria e organizando fazendas coletivas país afora. No dia 5 de

fevereiro de 1967, na cidade de Arusha, decretou oficialmente o caráter socialista da Tanzânia, na famosa *Arusha Declaration* (Zeilig, 2022, p. 102). O país se tornou um apoiador e um refúgio para os grupos revolucionários do continente. A Universidade de Dar Es Salaam por muitos anos se transformou no maior polo acadêmico de intelectuais exilados na África Oriental.

Influenciados pela *Arusha Declaration*, um grupo de estudantes tanzanianos e de outros países do entorno fundou, ainda em 1967, uma organização chamada *University Students' African Revolutionary Front* (USARF), lideradas por Yoweri Museveni, futuro presidente de Uganda. A organização evoluiu para um trabalho em conjunto com o TANU, sobretudo com o setor da juventude desse partido. Em 1969, a Frente mais o partido governista lançaram a revista *Cheche*, um nome copiado do famoso jornal bolchevique *Iskra* (Prashad, 2018, p. 86).

Walter Rodney, por sua vez, já havia defendido seu doutorado – com a Tese *A History of The Upper Guinea Coast, 1545-1800* – na *School of Oriental and African Studies* (SOAS) da *London University*, em 1966. Havia passado um ano na Tanzânia, em 1967, e assumido um posto na WIU (*West Indie University*), na Jamaica, em 1968. Profundamente envolvido com o movimento negro, acabou sendo expulso da ilha caribenha, aportando pela segunda vez na Universidade de Dar Es Salaam, onde permaneceria de 1969 até 1974.

Naquele momento, Rodney já era conhecido internacionalmente como um dos principais intelectuais marxistas articulados às lutas contra a segregação racial, às independências do terceiro mundo e ao socialismo. Era conhecido do presidente Nyerere, também formado em História, e participava ativamente da construção de uma nova sociedade na Tanzânia, lecionando na capital e participando de grupos de educação popular. Para além disso, Rodney escrevia o livro que se tornaria um clássico, *Como a Europa Subdesenvolveu a África*, publicado em 1972.<sup>5</sup>

Durante o ano letivo de 1970-1971, Rodney ministrou um curso avançado para a graduação em História na Universidade de Dar Es Salaam, com o nome de “Historiadores e Revoluções”. O curso foi anotado pelo autor tendo em vista uma posterior publicação no formato de livro. Na medida em que não logrou esse objetivo, os originais permaneceram inéditos até serem descobertos nos arquivos do *Walter Rodney Papers*, sediados na *Robert W. Woodruff Library* da Universidade de Atlanta (EUA). Editados

---

<sup>5</sup> Trata-se do único livro de Walter Rodney publicado no Brasil, tradução da Boitempo Editorial lançada em 2022.

por especialistas e por membros da própria família, foram publicados em livro finalmente pela editora Verso, em 2018, com o título de *The Russian Revolution: A View From a Third World*.<sup>6</sup>

Embora o autor originalmente tivesse em mente passar em revista várias revoluções e problematizar a interpretação dos diversos historiadores e estudiosos, a Revolução Russa acabou se tornando o foco principal. No testemunho de alunos que tiveram a oportunidade de assistir àquelas aulas, a sala permanecera sempre lotada, num ambiente vibrante de várias perguntas após a exposição e a continuação dos debates para além do ambiente acadêmico (Benjamin; Kelley, 2018, p. 204).

Meu objetivo nesta parte do relatório é buscar entender como Walter Rodney selecionou e interpretou os principais aspectos da Revolução Russa e da construção do Estado soviético naquele momento de efervescência na Tanzânia e na África como um todo. Meu método foi analisar de forma pormenorizada o documento que embasou a exposição oral, tal como publicado pela editora Verso. Considero esse caminho o mais produtor por dois motivos: 1) não é permitida a reprodução do original guardado no arquivo em Atlanta, seja através de digitalização ou fotocópia. A permissão se estende a anotações à caneta numa folha em branco. 2) O livro, segundo os organizadores, reproduziu fielmente o original, apenas com correções de algumas palavras grafadas erradas, supressão de repetições e acréscimo de um ou outro verbo de ligação.

Walter Rodney foi estudante de graduação em História na *West Indie University*, campus Mona, na Jamaica, entre 1960 e 1963. Conheceu de perto a experiência da Revolução Cubana, tendo inclusive visitado Cuba por duas oportunidades nos anos 1960, podendo ter escolhido falar sobre ela para um curso do escopo proposto (Zeilig, 2022). Tendo em vista a “visão de terceiro mundo”, como foi batizado pelos editores o livro aqui em tela, poderia igualmente ter escolhido a Revolução Chinesa como alvo principal da exposição. Tanto Cuba quanto a China tinham uma influência importante nos países africanos em guerra pela independência ou declaradamente socialistas. Estando na África, acabou optando por destrinchar a experiência revolucionária dos russos.

Minha hipótese principal é que Walter Rodney considerava o desenvolvimento do capitalismo na Rússia pré-revolucionária similar ao da Tanzânia naquele momento, com comunas rurais espalhadas pelo interior e um forte partido socialista encravado na zona urbana. Rodney tinha em mente o esquema exposto por Marx aos *narodnikis* enquanto

---

<sup>6</sup> Rupert Charles Lewis, num livro primoroso sobre o pensamento político e a trajetória intelectual de Walter Rodney, teve acesso a esse curso, embora não o tenha analisado em profundidade (LEWIS, 1998).

possibilidade evolutiva de uma dada sociedade, no sentido de preservação da comunidade agrária somada à ajuda de um país socialista mais avançado de sorte a saltar a etapa capitalista e chegar diretamente ao socialismo. A política externa da Tanzânia, nesse sentido, era chave para buscar a parceria com outros Estados, protegendo e promovendo ao mesmo tempo a *Ujamaa*. Onde, no meu entender, o clima de emulação da experiência bolchevique na intelectualidade universitária e nos partidos políticos de esquerda na África Oriental.

Também como hipótese a ser comprovada, acredito que Rodney considerava a experiência da Revolução Russa como um ato histórico acima de tudo anti-imperialista e anticapitalista, o que não blindou esse evento de críticas e considerações mais profundas do autor no decorrer do curso. Todavia, o tom foi de defesa da Revolução e da URSS contra os ataques advindos da historiografia Ocidental, por um lado, e da historiografia soviética pós 1956 e mesmo da historiografia marxista de matriz europeia, por outro. Numa angulação de utilização direta da reflexão a respeito desse objeto para as lutas políticas imediatas naquele tempo e lugar. Embora insistisse na tese de que, de acordo com Marx, cada povo seguiria um caminho específico para o socialismo, Rodney acreditava no poder do exemplo dos Russos de sorte a galvanizar a revolução africana.

Penso que esse contexto gerou uma interpretação instigante e, para os padrões da época, até certo ponto discordante da tradição marxista mais arraigada no pós-guerra, o chamado Marxismo Ocidental (Anderson, 1976). Uma interpretação que se localiza mais alinhada a determinadas leituras atuais que tendem a englobar a experiência soviética numa chave positiva, mais mediatizada e levando em conta fontes originais, desfocando o indivíduo todo poderoso (Stálin) e as deformações oriundas de uma disfunção intrínseca do processo. Abordagem, eu diria, que reposiciona algumas questões à luz das dificuldades externas e internas que a Rússia enfrentou naquele momento. (Goldman, 2022).

Nas citações do livro assinalei apenas o número da página como referência, deixando os dados completos para a bibliografia. As seções seguintes reproduzem o nome de cada capítulo, de tradução minha, escolhido por Rodney na ocasião. Deixei de lado apenas o capítulo quatro, “Trotsky como historiador da Revolução Russa”, pois pouco pude relacionar com os propósitos desta pesquisa - o capítulo é muito sobre o estilo de pesquisa e escrita do revolucionário russo. Cabe assinalar que Rodney foi extremamente elogioso ao trabalho de Leon Trotsky como investigador e escritor nesse item.

## 19) As duas abordagens mundiais sobre a Revolução Russa

O autor começa ilustrando a construção de um campo historiográfico africano a partir da segunda metade do século XX. Ou, melhor dizendo, uma “perspectiva negra” ou “perspectiva africana” para o estudo da História universal que foi se consolidando enquanto resultante das lutas pela descolonização na África e na Ásia e pelo *black power* no Caribe e nos Estados Unidos.

Apesar desse avanço, a África ainda estaria hegemonzada por uma historiografia demasiadamente europeia e norte-americana sobre a Revolução Russa, enfeixada pela Guerra Fria. Na visão de Rodney, justamente os países inimigos do regime soviético é que detinham a primazia de contar sua história e divulgá-la para o continente: “*Therefore, ‘A’ was interpreting this enemy, ‘B’, to a third party, ‘C’*” (p. 3).<sup>7</sup> Era passada a hora de “C” pesquisar e interpretar à sua maneira os acontecimentos na Rússia, justamente porque “*The Russian Revolution was the first decisive break away from international capitalism, affecting thereby the subsequent course of events around the world, including Africa*” (p. 4).<sup>8</sup>

A Revolução Inglesa e a Revolução Francesa, por terem ocorridos séculos passados, já contariam com fases delimitadas de interpretações (restauracionista, republicana, socialista, liberal, conservadora, etc), ao contrário do caso russo, um evento contemporâneo ainda a influenciar o mundo todo e sem um acúmulo teórico apaziguado. Nesse caso, Rodney dividiu em duas partes o campo historiográfico: a visão burguesa e a visão marxista. Na visão marxista, entravam os historiadores soviéticos, pouco lidos internacionalmente e comprometidos com uma visão oficial do evento. E também os historiadores não soviéticos com uma visão positiva a respeito, notoriamente John Reed, Christopher Hill e Maurice Dobb.

De outra parte, os autores, não necessariamente historiadores, ocidentais dentro do campo do marxismo e críticos à revolução e seus desdobramentos, como Raphael Abramovitch, Karl Kautsky e Rosa Luxemburgo. Numa outra chave, de crítica não à Revolução em si, senão aos seus desdobramentos, o russo Leon Trotsky (p. 10).

O problema era que, como apontado acima, para o público leitor em geral da África, os livros que circulavam sobre a Revolução Russa pertenciam a historiadores

<sup>7</sup> “Assim sendo, ‘A’ estava interpretando o inimigo, ‘B’, para uma terceira parte, ‘C’”.

<sup>8</sup> “A Revolução Russa foi a primeira ruptura decisiva com o capitalismo internacional, afetando assim o curso subsequente dos acontecimentos em todo o mundo, incluindo África”.

burgueses de baixo calibre. De coleções genéricas como *Problems in Europe History* que, a partir da Segunda Guerra Mundial, faziam uma campanha sem escrúpulos contra a URSS. Livros, portanto, de batalha política antissoviética, mascarados enquanto gênero “neutro” de História. Esses eram os mais distribuídos ao menos no continente de colonização britânica (p. 11). Suas principais características: “1) *Claims to be concerned with humanity rather than a given class*; 2) *high level of subjectivism*; 3) *refuses to recognize contradictions, except at a superficial level*” (p. 11).<sup>9</sup>

Das principais universidades do Reino Unido e dos EUA viria a enxurrada de obras nesse diapasão, todas muito bem acabadas formalmente, com resenhas elogiosas e utilizadas e comentadas pela maioria dos professores universitários.

## **20) O regime russo e a Revolução Soviética**

Analisando as relações sociais da Rússia antes da revolução, Rodney esboçou algumas interpretações de história política na longa duração. Sobre a nobreza e a monarquia, entre descentralização e centralização política, o autor destacou três tipologias: o caso alemão, quando a nobreza logra preponderância sobre o rei, e assim a centralização acontece numa etapa tardia; o caso inglês, quando a própria nobreza se centraliza subjugando o poder real; e os casos francês e russo, quando o rei se sobrepõe à nobreza, privando-a de poder político e decisório (p. 26).

Enquanto na França haveria camponeses, artesãos e uma massa desorganizada entre a cidade e o campo, na Rússia haveria trabalhadores urbanos organizados em fábricas e manufaturas, por conta do processo de desenvolvimento econômico capitalista no século XIX e início do século XX. E também uma burguesia média nas cidades e uma alta burguesia, embora de pequena extensão numérica, ligada ao comércio internacional. O czarismo, com efeito, manteria relações econômicas como sócio e representante dessas duas últimas classes (p. 28). A Grande Rússia centralizada comandaria essa engrenagem e esmagaria as tendências descentralizadoras e discrepantes no restante do império.

Em 1905, após a crise militar da guerra contra o Japão, explodiria a primeira onda envolvendo o descontentamento dos trabalhadores urbanos, rurais, de parte da nobreza e da burguesia aplastada pelo centralismo. Com os partidos de esquerda na ilegalidade e

---

<sup>9</sup> “1) Afirma estar preocupado com a humanidade e não com uma determinada classe; 2) alto nível de subjetivismo; 3) recusa-se a reconhecer contradições, exceto num nível superficial”.

sem um parlamento para canalizar institucionalmente o conflito, os conselhos (*soviets*) foram o instrumento principal de luta. O czarismo, passada a tormenta, ensaiou uma reforma que não se concretizou. Daí vir a encarar mais uma grande crise militar – a Primeira Guerra Mundial – sem ter se renovado e com um inimigo já contando com tradições organizativas.

Argumentando que a revolução de fevereiro de 1917 se tratou de uma grande sublevação popular, Rodney ponderou que a forma política assumida após a queda do czar foi de um governo elitista e antipopular, com dez ministros burgueses e apenas um, Alexander Kerensky, representante em algum grau das classes baixas. Não obstante, foi uma etapa que vários historiadores antissoviéticos caracterizaram como uma democracia, em contraposição à ditadura bolchevique posterior. A legalidade de vários partidos ou a existência de um único partido não diria muita coisa, na opinião do autor:

*A very pertinent question that should be answered is to what extent does the existence of several parties indicate that government is democratic? There are two parties in the United States, both representing the interests of capitalists and whites. If they were to merge, it would make no difference whatsoever. In Tanzania, there is a single party representing the workers and peasants (p. 32).<sup>10</sup>*

Os argumentos dos historiadores burgueses, que Rodney destacou e criticou, diziam respeito à espontaneidade da revolução de fevereiro em contraste com o oportunismo bolchevique - uma minoria que enganou o povo russo -, o patriotismo do governo provisório, em contraste com a aliança de Lênin com a Alemanha, e a demagogia do partido bolchevique, em oposição à honestidade do governo provisório, que apenas não teria sido defendido pelo povo russo por conta da imaturidade política, “*as often in her history, favoured the most resolute, if most unscrupulous, political force of time*” (Leonard Shapiro *apud* Rodney, p. 43).<sup>11</sup>

Rodney tinha em mira a situação política da Tanzânia, naquele momento um sistema de partido único tal como a Rússia pós-revolucionária.

---

<sup>10</sup> “Uma questão muito pertinente que deve ser respondida é até que ponto a existência de vários partidos indica que o governo é democrático? Existem dois partidos nos Estados Unidos, ambos representando os interesses dos capitalistas e dos brancos. Se eles se fundissem, não faria diferença alguma. Na Tanzânia, existe um partido único que representa os trabalhadores e camponeses”.

<sup>11</sup> “Como tantas vezes em sua história, favoreceu a força política mais resoluta, embora mais inescrupulosa do seu tempo”.

## 21) Marx, marxismo e a esquerda russa

Rodney buscou a princípio equacionar a questão se a Revolução Russa seguiu os escritos e o pensamento de Marx a respeito, sobretudo no que tangia à possibilidade de uma revolução socialista num país majoritariamente agrário. Em seguida, foi analisando o argumento de vários especialistas burgueses, cada um que expressou, à sua maneira, a opinião de que a revolução na Rússia foi feita em nome do marxismo, mas jamais no caminho apontado por Marx. O autor dirigiu bastante atenção ao debate de Marx com os populistas russos, na segunda metade do século XIX, e a possibilidade de um país de camponeses saltar a etapa de industrialização capitalista e passar diretamente à construção do socialismo.

Rodney, evidentemente, se referia à Tanzânia, país recém-independente e pouco urbanizado, com uma agricultura em processo de coletivização, nos termos da *Ujamma*, mas com enormes carências materiais e mesmo resistências no campo e nas poucas cidades. Ao contrário da Rússia pré-revolucionária, a Tanzânia não havia passado por um processo de inserção no capitalismo, tampouco recebeu as influências dos movimentos sociais anarquista e comunista, plasmando-os com as tradições rebeldes locais.

Não obstante essas dessemelhanças, Rodney assinalou que, para Marx e Engels, não havia nada predeterminado para que uma revolução socialista fosse ou não possível. Tudo iria depender da capacidade da organização dos socialistas de cada lugar, e o nível de contradição de cada sociedade específica.

Na África, revoltas nacionalistas estariam entrelaçadas com a religiosidade, um indício das contradições que poderiam levar a uma nova organização social:

*Take the example of religious protest. It now seems clear that social stress in African societies, more often than not, manifested itself in a religious form – the rise of prophets, the creation of new spirit cult, the growth of witchcraft eradication movement. When Africans reacted against the Europeans, the movements often took exactly the same form as they had always assumed – the Maji Maji revolt, to take a major instance, was a protest movement against colonial rule and policies, which took the form of reliance on a religious medicine, the water used on certain spirit cults. This is precisely Marx and Engels had emphasized; the form of a socioeconomic conflict is usually decided by elements of superstructure such as religion* (p. 60. Grifos meus).<sup>12</sup>

---

<sup>12</sup> “Tomemos o exemplo do protesto religioso. Parece agora claro que o stress social nas sociedades africanas, mais frequentemente do que nunca, manifestou-se de forma religiosa – a ascensão dos profetas, a criação de novos cultos espirituais, o crescimento do movimento de erradicação da bruxaria. Quando os africanos reagiram contra os europeus, os movimentos muitas vezes assumiram exatamente a mesma forma que sempre assumiram – a revolta de Maji Maji, para dar um exemplo importante, foi um movimento de protesto contra o domínio e as políticas coloniais, que assumiu a forma de confiança numa medicina

Reforçando seu ponto de vista, ao debater as fraquezas do argumento menchevique, de que a Rússia não estaria pronta para uma revolução operária, tendo que viver toda uma etapa capitalista para tal fim ser possível, Rodney citou Mao-Tsé Tung de *Sobre a contradição*:

*Mao draws a distinction between what he calls the “universality of contradiction” and the “particularity of contradiction”: 1) Contradiction exists in the process of development of all things at all times; but (2) there are qualitative differences between one contradiction and another and every form of society has its own particular contradictions (p. 70. Grifos do original).<sup>13</sup>*

A questão era que um país deveria possuir as contradições capitalistas tal como elas apareceram na Europa Ocidental no século XIX e se desenvolviam no século XX. Esse era o argumento que o autor tentava derrubar, de sorte a provar a viabilidade do socialismo de cariz marxiano na África.

## 22) Sobre a democracia: Lenin, Kautsky e Luxemburgo

O capítulo transparece a continuação da discussão a respeito de uma revolução socialista num país atrasado, e suas formas políticas consequentes. O argumento de Kautsky, comentado pelo autor:

*According to Kautsky, when Marx used the term “dictatorship of proletariat” he did not intend that it should be taken literally. It should really mean the democracy that exists in a state where the bourgeoisie has been subordinated to the proletariat, who in theory would be the majority. This would allow the term “proletarian democracy” (p. 105).<sup>14</sup>*

Na medida em que, na Rússia, o proletariado seria uma classe minoritária, não haveria a possibilidade dessa democracia. Os bolcheviques então estariam representando a si mesmo, numa ditadura no pior sentido do termo ao invés de uma democracia

---

religiosa, a água usada em certos cultos espirituais. Isto é precisamente o que Marx e Engels sublinharam; a forma de um conflito socioeconômico é geralmente decidida por elementos da superestrutura, como a religião”.

<sup>13</sup> “Mao estabelece uma distinção entre o que chama de ‘universalidade da contradição’ e a ‘particularidade da contradição’: 1) A contradição existe no processo de desenvolvimento de todas as coisas em todos os momentos; mas (2) existem diferenças qualitativas entre uma contradição e outra e cada forma de sociedade tem as suas próprias contradições particulares”.

<sup>14</sup> “Segundo Kautsky, quando Marx usou o termo ‘ditadura do proletariado’ não pretendia que fosse tomado literalmente. Deveria realmente significar a democracia que existe num estado onde a burguesia está subordinada ao proletariado, que em teoria seria a maioria. Isto permitiria o termo ‘democracia proletária’”.

socialista. Os motivos: a impossibilidade de saltar etapas, e o erro de ter feito uma revolução em nome dos trabalhadores e inspirado no marxismo sem o país estar pronto para isso.

Lenin teria respondido, seguindo a interpretação de Rodney, que Kautsky transformava Marx num liberal. A burguesia na Rússia era uma classe reacionária, e deveria ser combatida com energia. Num país agrário, o proletariado urbano tinha que de alguma maneira conduzir uma aliança com os camponeses. Por fim, a contrarrevolução armada exigiria medidas centralizadoras e violentas contra os adversários.

O desmantelamento da Assembleia Constituinte, em janeiro de 1918, tinha a ver com esses motivos. E a originalidade da forma política na Rússia soviética, buscando a evolução socialista com 90% de camponeses e uma indústria prejudicada pela Guerra Mundial e a sequência da guerra civil:

*I one asks what is today the historical view that social democracy has of the Russian Revolution, the answer would be that their view is identical with that of bourgeoisie. Subsequent events have made clear that Kautsky's disagreements with the Bolsheviks in 1917 were not due to any personal errors or his part in interpreting Marx; his inability to apply Marxism to a revolutionary situation was due a lack of commitment to revolution (p. 113).<sup>15</sup>*

Rosa Luxemburgo é inserida num campo da crítica do marxismo revolucionário, recebendo muito mais respeito por parte de Rodney, apresentando suas discordâncias em relação ao fechamento da Assembleia Constituinte e o direito à autodeterminação dos povos. Luxemburgo também discordou da distribuição de terras aos camponeses privados, em lugar de uma coletivização:

*On strictly theoretical grounds, she was correct, but it was precisely in the interest of promoting a democratic alliance of workers and peasants that the Bolsheviks agreed to suspend collectivization of the land. In a similar way, Mao Zedong had to fulfill the wishes of peasantry in China for individual land, and at a subsequent date deal with the problem of reeducating them to collectivize agricultural (p. 115).<sup>16</sup>*

---

<sup>15</sup> “Se alguém perguntar qual é hoje a visão histórica que a social-democracia tem da Revolução Russa, a resposta seria que a sua visão é idêntica à da burguesia. Os acontecimentos subsequentes deixaram claro que as divergências de Kautsky com os bolcheviques em 1917 não se deviam a quaisquer erros pessoais ou ao seu papel na interpretação de Marx; sua incapacidade de aplicar o marxismo a uma situação revolucionária deveu-se à falta de compromisso com a revolução”.

<sup>16</sup> “Em bases estritamente teóricas, ela estava correta, mas foi precisamente no interesse de promover uma aliança democrática entre trabalhadores e camponeses que os bolcheviques concordaram em suspender a coletivização da terra. De forma semelhante, Mao Tsé-tung teve de satisfazer os desejos do campesinato na China relativamente a terras individuais e, numa data posterior, lidar com o problema da sua reeducação para coletivizar a agricultura”.

Sobre as severas críticas de Luxemburgo a respeito da falta de democracia na Rússia soviética:

*However, criticism about lack of democracy in the period 1918-19 are grossly overdone. What was the situation? Rival parties had been banned, the suffrage had been outlawed, and agencies of propaganda such as the press were controlled by the Bolsheviks. There was no regimentation affecting the majority of the people... Such measures as were adopted to meet counterrevolutionary were entirely within the lines suggested by Engels (Lenin was aware that it was a experiment (p. 115)).<sup>17</sup>*

O erro de Luxemburgo teria sido subestimar a capacidade de violência e reação da burguesia, ela mesma vítima dessa situação, ao ser assassinada a sangue frio na Alemanha pelos *freikorps*. Para Rodney, a crítica serviria mais para o período posterior de construção do socialismo, onde realmente se encontrariam déficits de democracia popular sem uma justificativa tão plausível.

### **23) Construindo o estado socialista**

Rodney abre o capítulo explicando que o maior desafio entre todos os enfrentados pelos bolcheviques foi a questão camponesa. A impossibilidade de coletivizar a terra no contexto revolucionário, por diversos motivos, havia adiado o problema, tendo sido enfrentado a partir de 1927. Nesse sentido, tornar-se-ia a chamada coletivização forçada a maior arma da historiografia burguesa antissoviética na guerra fria. Rodney discordava frontalmente dos termos dessa historiografia: “*First, there is a tendency to exaggerate the numbers involved...Second, bourgeois historians treat the kulaks as though they were innocent victims of some devilish plot, comparable to Hitler’s attack on Jews*” (p. 118).<sup>18</sup>

Para o autor, os kulaks eram proprietários ricos reconhecidos, que emprestavam dinheiro a juros, alugavam mão de obra de trabalhadores sem terras, especulavam com o preço dos alimentos e alugavam máquinas e animais para outros camponeses desafortunados a preços escorchantes. A coletivização havia soltado o ódio secular do

---

<sup>17</sup> “Contudo, as críticas sobre a falta de democracia no período 1918-19 são grosseiramente exageradas. Qual era a situação? Os partidos rivais foram proibidos, o sufrágio foi proibido e as agências de propaganda, como a imprensa, foram controladas pelos bolcheviques. Não houve nenhuma arregimentação que afetasse a maioria do povo...As medidas adotadas para enfrentar os contrarrevolucionários estavam inteiramente dentro das linhas sugeridas por Engels (Lênin estava ciente de que se tratava de uma experiência”.

<sup>18</sup> “Em primeiro lugar, há uma tendência para exagerar os números envolvidos... Em segundo lugar, os historiadores burgueses tratam os kulaks como se fossem vítimas inocentes de alguma conspiração diabólica, comparável ao ataque de Hitler aos judeus”.

camponês pobre frente ao camponês rico, gerando uma onda de violência de baixo para cima, que mesmo o partido bolchevique foi incapaz de moderar. Rodney a comparou com a violência na zona rural chinesa, também no contexto revolucionário daquele país (p. 118).

O historiador norte-americano Merle Fainsod, professor de História da Rússia em Harvard, havia tido acesso a uma série de documentos da CIA a respeito da ilegalidade do processo. Com as fontes primárias, Fainsod escreveu um livro antissoviético, descrevendo a violência extrema com que foi conduzido o processo de deskulatização em Smolensk. Rodney aceitava os argumentos de Fainsod para concluir num sentido contrário, ou seja, a brutalidade não era devida ao sanguinário Stálin, senão à própria exploração feudal e capitalista que exasperou o camponês russo, incutindo-o um ódio de classe após gerações e gerações passarem as mais atrozes necessidades: *“The violence was part of the old and not of the new social system”* (p. 120).<sup>19</sup> O desacordo repousava na questão do enfoque ideológico dos historiadores em relação ao processo em tela: *“The bourgeois writers present the kulak exploiters as poor sufferers who merit all our sympathy, while the peasants who beat them up are nothing but hooligans who were given the opportunity by Communists”* (p. 120).<sup>20</sup>

Para Rodney, a única violência aceitável, do ponto de vista socialista, seria aquela dentro do processo de passagem do poder dos ricos para os pobres. Uma violência a se lamentar, mas que a História não poderia caminhar sem manifestá-la de tempos em tempos. Como um historiador crítico e inteligente, Rodney não ignorava os problemas da maneira com que a coletivização fora conduzida. Porém, algo ingênuo até certo ponto, explicava que a violência do início do processo acabou sendo substituída, ainda no começo dos anos 1930, por meios menos brutais e mais de consenso e convencimento, que teria gerado certo sucesso na medida em que a maioria do campesinato russo teria optado por permanecer nas fazendas coletivas.

Divergindo de Leonard Shapiro, eminente historiador britânico sobre a Rússia soviética, que trabalhava com a ideia de que o camponês sempre prefere o mercado ao invés do comunismo, o autor certificou:

---

<sup>19</sup> “A violência fazia parte do antigo e não do novo sistema social”.

<sup>20</sup> “Os escritores burgueses apresentam os exploradores kulaks como pobres sofrendores que merecem toda a nossa simpatia, enquanto os camponeses que os espancaram nada mais são do que hooligans que tiveram a oportunidade dada pelos comunistas”.

*The experience in China, Korea, Vietnam, Eastern Europe and Cuba has shown that the peasant can have the use of the land in a collective socialist form and be perfectly satisfy. The likelihood is that the African continent will in time produce other examples of the successful peaceful collectivization of agriculture and the institution of socialism in the agrarian sector (p. 122).<sup>21</sup>*

A condição do camponês russo, sob o czarismo, teria sido bem pior do que sob o governo bolchevique. E todo o processo, no final das contas, da acumulação primitiva de capital na Europa e na América teria implicado numa secular truculência e num conseqüente empobrecimento das massas camponesas e urbanas de maneira bem mais custosa em sofrimento e perdas de vidas humanas do que o processo soviético russo (p. 124).

Rodney passou em revista os avanços da industrialização na URSS, ressaltando os números positivos em todas as áreas estratégicas e a ligação intrínseca entre o sucesso dos planos e a coletivização da agricultura, como uma coisa não podendo existir sem a outra. Abrindo mão de explorar outros povos, como o colonialismo ocidental, o Estado soviético estava alcançado uma diferenciação gigantesca com o período pré-revolucionário, deixando para trás a feição atrasada para assumir o papel de uma das nações mais modernas do planeta do ponto de vista industrial. Um ponto desenvolvido pelo marxista negro e jamaicano George Padmore em seu livro clássico *How Russia Transformed Her Colonial Empire. A Challenge to the Imperial Powers*, de 1946. Embona provavelmente conhecesse bem a obra, Rodney não a evocou naquele momento.

Para os economistas e historiadores burgueses, frente a essa realidade, restariam algumas estratégias de desqualificação através de argumentos considerados falsos pelo autor: 1) os dados soviéticos seriam inexatos; 2) o crescimento industrial havia ocorrido deprimindo as condições de vida das pessoas; 3) o trabalho forçado estava sendo usado em larga escala; 4) as decisões econômicas estariam ao sabor dos caprichos políticos; 5) haveria um excesso de trabalho irracional para atingir tão altas metas em tão curto tempo; 6) o desenvolvimento global da sociedade estaria desequilibrado e a industrialização ocorreria mesmo sem a revolução (p. 133).

Rodney, ao desqualificar essas alegações, ponderava que elas de fato faziam sentido se aplicadas ao mundo capitalista, com exemplos desde os EUA, Brasil e vários países africanos.

---

<sup>21</sup> “A experiência na China, na Coreia, no Vietnã, na Europa Oriental e em Cuba mostrou que o camponês pode utilizar a terra de uma forma socialista coletiva e estar perfeitamente satisfeito. A probabilidade é que o continente africano produza, com o tempo, outros exemplos de sucesso da coletivização pacífica da agricultura e da instituição do socialismo no sector agrário”.

## 24) A transformação do império

Nessa etapa; Rodney vai considerar a remodelação radical da Rússia, entre a antiga condição de Império para um país de dimensões imperiais, mas com um novo regime econômico e político. O problema dizia respeito às profundas desigualdades civilizacionais no seio da URSS, com povos de tradições ocidentais convivendo com grupos animistas e caçadores coletores. O autor entendia tratar-se de um problema não restrito apenas à situação russa, mas em vias de resolução através das formas políticas originais advindas de cada experiência:

*Third World examples of new states forms include the People's Court in Zanzibar, the one-part state here in Tanzania, and the new revolutionary structures arising in Vietnan and Mozambique. In the USSR, the new state forms promoted balanced economy development, not just in industry but in agriculture. Economic changes obliged the state to help people adapt to the new arrangements, as some moved from peasant to proletariat, while other shifted from nomadism to sedentary agriculture (p. 157).<sup>22</sup>*

A URSS e os países declaradamente socialistas estavam encaminhando relações harmônicas entre suas respectivas populações no que tangia às desigualdades tecnológicas e culturais. Porém, a conclusão era de que os estudos, no campo do marxismo, ainda eram insuficientes para abordar com satisfatória propriedade essa questão:

*What is needed is an analysis of social formations in the context of uneven development ... Indeed, we witness something akin to the Soviet approach in Tanzania – drawing people in a money economy; stopping groups from starving; extension of the market economy with furs and fishing, milk and meat (Consider the quiet revolution taking place on Lake Victoria with motor boats and refrigerators). From our point of view, this aspect of historiography could be more developed (p. 166).<sup>23</sup>*

---

<sup>22</sup> “Exemplos de novas formas de Estado no Terceiro Mundo incluem o Tribunal Popular em Zanzibar, o Estado unipartidário aqui na Tanzânia e as novas estruturas revolucionárias que surgem no Vietnã e em Moçambique. Na URSS, as novas formas de Estado promoveram o desenvolvimento econômico equilibrado, não apenas na indústria, mas também na agricultura. As mudanças econômicas obrigaram o Estado a ajudar as pessoas a adaptarem-se às novas condições, à medida que alguns passaram do camponês para o proletariado, enquanto outros passaram do nomadismo para a agricultura sedentária”.

<sup>23</sup> “O que é necessário é uma análise das formações sociais no contexto do desenvolvimento desigual... Na verdade, testemunhamos algo semelhante à abordagem soviética na Tanzânia – atraindo as pessoas para uma economia monetária; impedindo que grupos morram de fome; extensão da economia de mercado com peles e pesca, leite e carne (considere a revolução silenciosa que ocorre no Lago Vitória com barcos a motor e frigoríficos). Do nosso ponto de vista, esse aspecto da historiografia poderia ser mais desenvolvido”.

## 25) A crítica ao stalinismo

No último e mais importante capítulo do livro, Rodney começou rebatendo dois argumentos do que considerou oriundos da historiografia burguesa. Primeiro a questão de que, com Stálin, a premissa se desenvolveria invertida de acordo com essa historiografia. Ao invés de considerar, corretamente, que a estrutura econômica, política e cultural da Rússia gerou o líder absoluto, seria considerado o oposto, incorretamente, com o líder, ele mesmo, criando a cultura, economia e política. Inversão na maneira de equacionar base e superestrutura.

A segunda crítica era com relação à participação das massas. Tanto a historiografia burguesa quanto a historiografia soviética, essa última em menor medida, tenderiam a hipertrofiar o papel dos líderes Lenin e Stálin no processo revolucionário e na construção do Estado soviético. Rodney sopesou o método não marxista desse caminho, chamando a atenção para o fato de que as massas russas – soviéticas é que direcionariam as lideranças, para o bem e para o mal.

O autor considerou então os argumentos de Trotsky e Issac Deutscher, no seu entender os críticos mais respeitados no campo marxista que haviam esposado a concepção de uma hipergênese da superestrutura em relação à estrutura:

*Out of the writings of Trotsky and Deutscher, four different but closely related point emerge: 1) Stalin encouraged “socialism in one country” instead of international socialism; 2) the state did not wither away but became more oppressive and bureaucratic; 3) social and economic inequalities were fostered and 4) there was an inadmissible element of force in building socialism (p. 172-173).<sup>24</sup>*

Rodney se propõe a considerar cada um desses argumentos. Sobre o socialismo num só país, a discordância recaiu na culpabilização de Stálin por esse rumo, no sentido de uma escolha consciente feita por um indivíduo ou um grupo político consciente das alternativas. Para o autor, tratou-se de uma imposição do destino, sem chances de escolhas humanas. Reconhecendo que o socialismo num só país uma coisa deletéria por si só, justificou:

---

<sup>24</sup> “Dos escritos de Trotsky e Deutscher emergem quatro pontos diferentes, mas intimamente relacionados: 1) Stálin encorajou o “socialismo num só país” em vez do socialismo internacional; 2) o Estado não desapareceu, mas tornou-se mais opressivo e burocrático; 3) foram fomentadas desigualdades sociais e econômicas e 4) houve um elemento de força inadmissível na construção do socialismo”.

*As a criticism of Stalin and the party under Stalin, the attack on “socialism in one country” is very hollow. To be effective, the argument must show that Stalin betrayed certain revolutions, but that is a very intellectual line of approach because genuine social revolutions have their roots in the locality in which they take place (p. 173).<sup>25</sup>*

A culpa por uma não revolução no Ocidente, para o autor, fora do imperialismo e das próprias burguesias locais que estrangularam os respectivos movimentos socialistas. Os bolcheviques não poderiam ser considerados pelo insucesso de outros povos em outros lugares. Mais que isso, não poderiam esperar a revolta dos trabalhadores na Inglaterra e a tomada do poder por eles para continuarem a construção do socialismo em seu próprio país.

O crescimento da burocracia estatal, para muitos um fenômeno típico do stalinismo, também encontrou justificativa. Para Rodney, o pretexto se assentou nas próprias análises de Trotsky e Deutscher. Tinha a ver com as peculiaridades da Rússia:

*On close scrutiny, one finds that Trotsky and Deutscher themselves explain why the bureaucratic state was an inevitable consequence of Russia’s historical situation. The growth of the bureaucracy, they concede, started under Lenin. He was aware that bureaucratic control threatened genuine worker democracy, and he fought to keep the bureaucracy under control, but it grew nevertheless – both in numbers and influence (p. 175).<sup>26</sup>*

O ponto de partida havia sido a desmobilização do exército vermelho a partir de 1922, com 5 milhões de indivíduos passando a ser empregados em outras esferas do Estado, com os militares de maior patente em postos de comando na administração civil, afastando a classe trabalhadora desses postos. A burocracia soviética estaria dividida em três grandes blocos: administração do Estado, economia e partido comunista. O argumento crítico seria que esse último ramo estaria sendo preenchido por indivíduos sem formação e têmpera política, apenas com a qualidade de serem dóceis ao líder. Na ausência de uma pujante classe operária e seus sindicatos, logo esse estrato político estaria sem controle, respondendo aos próprios interesses e pendendo o restante do socialismo para a conservação de cargos e posições.

---

<sup>25</sup> “Como crítica a Stálin e ao partido sob Stálin, o ataque ao “socialismo num só país” é muito vazio. Para ser eficaz, o argumento deve mostrar que Stálin traiu certas revoluções, mas esta é uma linha de abordagem muito intelectual porque as verdadeiras revoluções sociais têm as suas raízes no local em que ocorrem”.

<sup>26</sup> “Após um escrutínio minucioso, verifica-se que os próprios Trotsky e Deutscher explicam porque é que o Estado burocrático foi uma consequência inevitável da situação histórica da Rússia. O crescimento da burocracia, admitem eles, começou sob Lenin. Ele estava ciente de que o controle burocrático ameaçava a verdadeira democracia dos trabalhadores e lutou para manter a burocracia sob controle, mas mesmo assim ela cresceu – tanto em número quanto em influência”.

Rodney opinava que a burocracia adviria do atraso cultural da Rússia como um todo, situação não criada, senão herdada pelos revolucionários bolcheviques. O analfabetismo absoluto atingiria cifras acima de 90% da população, instigando uma realidade onde poucos indivíduos dotados de instrução formal possuiriam condições de atuar em complexos problemas de gestão. Lênin havia se preocupado com a necessidade de colocar cada vez mais camponeses e trabalhadores manuais em órgãos de direção, de modo a contrabalançar o poder dos letrados. A incapacidade de assim o fazer havia gerado a frase da sua viúva, Kupskaya, em 1926: “se Lenin estivesse vivo, provavelmente estaria numa prisão”. A burocracia hipertrofiada era muito mais um *continuum* do que uma traição.

Finalizando esse argumento, Rodney invertia a equação. Stálin não seria o chefe da burocracia, senão o empregado dela: “*The bureaucrats were so powerful and so interested in running the show themselves that, as Trotsky implies, they choose Stalin rather the other way around*” (p. 176).<sup>27</sup> Aqui também tartar-se-ia de algo inevitável:

*Trotskyite criticism sounds extremely hollow because they were criticizing things that they admit could not have been avoided. It therefore turns out to be criticism for criticism’s sake* (p. 177).<sup>28</sup>

Com respeito à ditadura de Stálin, o autor passou em revista os argumentos tanto da historiografia Ocidental quanto da historiografia soviética pós-1956, indicando as críticas mais incisivas sobre o caráter genocida do líder bolchevique. Contra a última, Rodney chamou a atenção para o caráter contraditório da narrativa que destacava, ao mesmo tempo, os crimes de Stálin *pari passu* à correta política do Partido Comunista da União Soviética (PCUS), uma vez que a chamada desestalinização se apoiou sobremaneira na visão de um passado onde o partido e o povo russo estiveram numa posição justa, sendo corrompida pelo culto à personalidade. Uma coisa não poderia se separar da outra. “*To reiterate, both the achievements and the failures of the Stalin epoch have to be attribute to the Soviet people as a whole and to the Communist Party, in particular*” (p. 180).<sup>29</sup>

<sup>27</sup> “Os burocratas eram tão poderosos e tão interessados em dirigir eles próprios o espetáculo que, como Trotsky sugere, escolheram Stálin, e não o contrário”.

<sup>28</sup> “As críticas trotskistas soam extremamente vazias porque eles estavam criticando coisas que admitem que não poderiam ter sido evitadas. Portanto, acaba sendo crítica pela crítica”.

<sup>29</sup> “Reiterando, tanto as conquistas como os fracassos da época de Stálin devem ser atribuídos ao povo soviético como um todo e ao Partido Comunista, em particular”.

Em outras palavras, estaria em falta uma análise histórica e sociológica sobre a sociedade soviética como um todo, sua inserção no mundo capitalista e as condições internas de sua economia e cultura. Uma crítica da própria cultura política que auxiliasse na explicação do contexto tão marcante do stalinismo. Para a historiografia burguesa, esse problema não poderia ser demandado, na medida em que ela entendia logo de saída que o stalinismo era apenas uma continuação do totalitarismo dos bolcheviques e de Lênin, em particular. A crítica da revolução de 1917 já daria conta de explicar o arcabouço de maldades advindo posteriormente.

O ponto principal de Rodney girou com efeito na questão da guerra civil e do cerco capitalista, que teria obrigado o Estado soviético a redobrar as medidas contra a sabotagem e a espionagem. Uma defesa legítima contra um ataque difuso e permanente, que, em contrapartida, deixaria cicatrizes. Nada que diminuísse a superioridade do socialismo real em relação ao capitalismo:

*Every time that a socialist state comes into existence, it is likely to find that its survival comes into conflict with some of principles of justice it would ideally like to spouse. Who can guarantee thar every citizen's right will be fully protect when the security forces take justifiable action in the interests of the citizens as a whole? It is well to recognize that the Soviet state was operating in a real world and had first to guarantee its existence. In the final analysis, however, while Soviet transformation departed from the socialist norms in many ways, it remains a superior alternative to capitalism and bourgeois democracy from viewpoint of workers and peasants (p. 182).<sup>30</sup>*

A relativização do período stalinista se articulava à tentativa do autor de desvincular as aproximações Hitler – Stálin, e as equiparações entre a URSS e o fascismo. Assim, feitas as ressalvas, Rodney passou a caracterizar outras nações capitalistas daquele momento, como a África do Sul, para ele, um país africano fascista:

*An excellent contemporary example of a fascist system is South Africa. Whites of all classes have been convinced that the only way their own well-being can be protect is thought the permanent suppression and exploitation of Africans. They have accepted the doctrine of white racial superiority just as the Germans accepted the doctrine of Aryan racial superiority. The majority of the whites have voluntarily relinquished their own rights to a police state for the purpose of dominating Africans within and without South Africa. At the same time, South Africa remains a capitalist state (p. 182).<sup>31</sup>*

<sup>30</sup> “Cada vez que um Estado socialista passa a existir, é provável que a sua sobrevivência entre em conflito com alguns dos princípios de justiça que idealmente gostaria de ter. Quem pode garantir que os direitos de todos os cidadãos serão totalmente protegidos quando as forças de segurança tomarem medidas justificáveis no interesse dos cidadãos como um todo? É bom reconhecer que o Estado soviético operava num mundo real e tinha primeiro de garantir a sua existência. Em última análise, porém, embora a transformação soviética tenha se afastado das normas socialistas em muitos aspectos, continua a ser uma alternativa superior ao capitalismo e à democracia burguesa do ponto de vista dos trabalhadores e camponeses”.

<sup>31</sup> “Um excelente exemplo contemporâneo de sistema fascista é a África do Sul. Os brancos de todas as classes estão convencidos de que a única forma de proteger o seu próprio bem-estar é através da supressão

Rodney considerou não haver uma unanimidade na historiografia e na sociologia marxista ao analisar a URSS. Discordou tanto da historiografia burguesa ocidental quanto da historiografia soviética. Também não reivindicou o marxismo ocidental como o caminho correto para analisar a experiência da revolução russa. Assim, definiu finalmente seu caminho, o chamado caminho do Terceiro Mundo:

*But where do we stand? We cannot say that we are in between, neutral, or any more objective. We have our own historical stand and must define our position relative to our own history. By “we” I mean the colonized and formerly colonized, black Africans, workers and peasants or intellectuals with roots in said classes (p. 185).<sup>32</sup>*

Para o autor, a educação formal na África colonizada havia marcado o pensamento burguês como horizonte de todo o possível, e o materialismo como uma opção deformada e abastardada pela filtragem realizada por essa perspectiva dominante. Rodney vaticinava então a respeito da matriz ideal de pensamento para o continente:

*Ours clearly could not be that of the bourgeoisie Is it that of Soviets? They have their national and international interests, and their historiography reflects this. **While we share much with the Soviets because of the similarity of our present and past with their past in the period under study, current political and economic developments mentioned above complicate our position vis-à-vis the Soviets (p. 186).**<sup>33</sup> (Grifos meus).*

Assim sendo, a conclusão do autor:

*Essentially, what we need to do is define our own stand first and see where it coincides. Assuming a view springing from some Socialist variant not necessarily Marxist but anti-capitalist, assuming a view that is at least radical humanist – then the Soviet Revolution of 1917 and the subsequent construction of Socialism emerge as a very positive historical experience from which we ourselves can derive a great deal as we move to confront similar problems (p. 186).<sup>34</sup>*

---

e exploração permanentes dos africanos. Aceitaram a doutrina da superioridade racial branca tal como os alemães aceitaram a doutrina da superioridade racial ariana. A maioria dos brancos renunciou voluntariamente aos seus próprios direitos a um estado policial com o objetivo de dominar os africanos dentro e fora da África do Sul. Ao mesmo tempo, a África do Sul continua a ser um estado capitalista”.

<sup>32</sup> “Mas onde nós ficamos? Não podemos dizer que estamos no meio, neutros ou mais objetivos. Temos a nossa própria posição histórica e devemos definir a nossa posição relativamente à nossa própria história. Por ‘nós’ quero dizer os colonizados e ex-colonizados, os negros africanos, os trabalhadores e camponeses ou os intelectuais com raízes nessas classes”.

<sup>33</sup> “A nossa claramente não poderia ser a da burguesia. Será a dos soviéticos? Eles têm os seus próprios interesses nacionais e internacionais, e a sua historiografia reflete isso. Embora partilhemos muito com os soviéticos devido à semelhança do nosso presente e passado com o seu passado no período em estudo, os atuais desenvolvimentos políticos e económicos mencionados acima complicam a nossa posição face aos soviéticos”.

<sup>34</sup> “Essencialmente, o que precisamos fazer é definir primeiro a nossa posição e ver onde ela coincide. Assumindo uma visão que brota de alguma variante socialista não necessariamente marxista, mas anticapitalista, assumindo uma visão que é pelo menos humanista radical – então a Revolução Soviética de 1917 e a subsequente construção do socialismo emergem como uma experiência histórica muito positiva a

Com essas palavras se encerrava a última exposição do último dia de curso, tal como registrado por escrito pelo autor.

## 26) Considerações finais

Embora fosse um curso pensado para uma abordagem mais ampla sobre revoluções e as historiografias respectivas, Rodney centrou foco na Revolução Russa, indício do estilo do seu marxismo forjado nas tradições universitárias ocidentais fusionadas com a militância no movimento negro caribenho e na construção do socialismo africano.

Para ele, a experiência russa, quiçá mais do que a cubana ou a chinesa, poderia iluminar o caminho da Tanzânia e do entorno na África Oriental naquele início dos anos 1970. Do meu ponto de vista, Rodney imaginava que o governo de Nyerere, através do partido único, o TANU, poderia desenvolver as comunas rurais, barrando a degeneração capitalista ao mesmo tempo em que o país como um todo seria ajudado pelos socialismos mais avançados, a URSS em particular. Uma aplicação assemelhada do raciocínio que certa feita Marx apresentou aos populistas russos na segunda metade do século XIX.

O autor buscou delimitar os campos historiográficos sobre a Revolução Russa, chamado a atenção para o predomínio de interpretações antissoviéticas no sistema universitário africano, o que ele identificou como historiografia burguesa. Destacou que a historiografia soviética, embora defendendo seu país, tinha uma deformação grave na medida em que era utilizada para legitimar um novo grupo no poder a partir de 1956, levando a um ataque político problemático aos anos de Stálin. Não poupou críticas a um certo marxismo que, embora crítico e de qualidade, interpretava a revolução numa linha intelectual, desvinculada dos problemas práticos e candentes da luta política daquela época.

---

partir da qual nós próprios podemos buscar um bom negócio à medida que avançamos para enfrentar problemas semelhantes”.

Entendo que o autor circunscreveu seu objeto numa busca incessante de defesa da revolução e seus efeitos, buscando influenciar o ambiente deveras politizado da universidade de Dar Es Salaam. Demonstrou como a burguesia russa foi incapaz de melhorar a vida da população, e a maneira com que o governo de fevereiro de 1917 não respondeu aos anseios populares, sendo substituído pelo único partido de fato articulado aos operários e camponeses. Asseverou que as medidas repressivas no plano econômico e também no plano político do novo governo foram necessárias para a manutenção do novo Estado revolucionário e o combate à contrarrevolução e à sabotagem. Rodney esposou a concepção da falta de alternativa para a burocratização e o socialismo num só país, fenômenos entendidos como fruto do atraso cultural e da derrota da revolução em escala mundial.

Não deixou brecha para nenhuma dúvida quanto à superioridade do regime socialista em relação ao capitalismo. A URSS, mesmo com seus problemas, seria um país mais justo economicamente, mais racional do ponto de vista econômico através do planejamento entre cidade e campo e mais democrático no tratamento da imensa disparidade dos povos que formaram a vasta união. Em relação à figura de Stálin, inverteu a ordem analítica costumeira, asseverando que o homem era produto do seu meio, e não o contrário, um elemento legítimo à luz dos escritos de Marx, no sentido de que cada povo faria sua revolução socialista seguindo suas idiossincrasias e tradições locais.

Sobre a violência da coletivização forçada, explicou-a como produto de séculos de exploração dos camponeses pobres pelos camponeses ricos, uma violência dos de baixo que nem o partido governista poderia controlar. Ao fim e ao cabo, antes de ser uma peça condenatória aos soviéticos, a coletivização seria um exemplo de sucesso na ótica socialista, um parto difícil, mas necessário, de uma nova sociedade buscando sobrevivência num ambiente hostil.

Entendo que Walter Rodney pensava a visão africana sobre a Revolução Russa como um ato anti-imperialista e anticapitalista, um ponto de inspiração para que o governo de Nyerere, e outros governos socialistas em vias de consolidação pudessem acelerar suas rupturas com o sistema mercantil e se aproximarem cada vez mais do campo soviético. Pensava que a juventude africana, interessada em história e nas lutas do seu tempo, deveria investigar a Revolução Russa como uma inspiração para suas próprias demandas, ao invés de encarar esse evento histórico de maneira puramente intelectual e negativa, como um socialismo carente de democracia, igualdade, bem-estar, etc.

Considero que, encaixando a interpretação da Revolução Russa na luta de classe, Rodney logrou manter um alto nível de reflexão, destoando das sofisticadas análises marxistas de seu tempo, que tendiam a enxergar a experiência soviética como um todo de maneira cética. Divergindo da interpretação soviética sobre o stalinismo e, por fim, denunciando a historiografia liberal condenatória à própria ideia de revolução socialista, o autor obteve êxito em articular a história e a interpretação sobre a história no fomento do projeto político ao qual se associava.

### Referências Bibliográficas

ANDERSON, Perry. *Considerações Sobre O Marxismo Ocidental*. Lisboa: Afrontamento, 1976.

BARBOSA, Pedro Oliveira. De Ujamaa à Class Struggle: O Conceito de “Socialismo” em Disputa na África Pós-Colonial. *Historiae*, Rio Grande do Sul, v. 10, n. 2, p. 85-106, 2019.

BENJAMIN, Jesse e KELLEY, Robin. Introduction: An “African Perspective” on the Russian Revolution. In: RODNEY, Walter. *The Russian Revolution: A View From The Third World*. London: Verso, 2018.

GOLDMAN, Wendy. *Terror e Democracia nos Tempos de Stálin: a dinâmica social da repressão*. São Paulo: Lavrapalavra, 2021.

LEWIS, Rupert. *Walter Rodney’s Intellectual and Political Thought*. Kingston: University of West Indies Press, 1998.

PRASHAD, Vijay. Foreword: Rodney and the Revolution. In: RODNEY, Walter. *The Russian Revolution: A View From The Third World*. London: Verso, 2018.

RODNEY, Walter. *The Russian Revolution: A View From The Third World*. London: Verso, 2018.

RODNEY, Walter. *Como a Europa Subdesenvolveu a África*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2022.

ZEILIG, Leo. *A Revolutionary four Our Time*. Chicago: Haymarket Books, 2022.

WACHE, Paulo Mateus. Política Externa da Tanzânia. Combinando Interesses Regionais na África Oriental e Austral. *Revista Chilena de Relações Internacionais*, v. 1, p. 59-85, 2017.

BARBOSA, Muryatan. Eurocentrismo, História e História da África. *Sankofa: Revista de História da África e de Estudos da Diáspora Africana*. Junho, número 1, 2008.

BARNES, Randolph Gordon. *The Problematics of Independence: Radicalism and the Crises of Political Leadership in Jamaica (1961-1991)*. Thesis of Master Degree. Newark, New Jersey University, 2012.

BENJAMIN, Walter. *Teses Sobre o Conceito de História*. In: Magia e Técnica, Arte e Política: Ensaio sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas, Volume 1. São Paulo, Brasiliense, 1987.

FIGUEROA, M. e SIVES, A. Homogenous Voting, Electoral Manipulation and the “Garrison” Process in Post-Independence Jamaica. *Commonwealth and Comparative Politics*, n. 40, 2010.

LEWIS, Charles Rupert. *Walter Rodney’s Intellectual and Political Thought*. Kingston: The Press University of West Indie, 1998.

LINDSAY, Louis. *The Myth of Independence: Middle Class Politics and Non-Mobilization in Jamaica*. Kingston: Working Paper, 1975.

PAYNE, Antony. The Rodney Riots in Jamaica: The background and significance of the events of October 1968. *The Journal of Commonwealth and Comparative Politics*. 21:2, 1983.

PICO, Daniel Montanez. *Marxismo Negro: Pensamiento descolonizador del Caribe anglófono*. Cidade do México, Ediciosesakal, 2020.

RODNEY, Walter. *The Groundings with my Brothers*. Londres: Bogle-L’Overture Publications, 1983.

SEWELL, Sharon C. British Decolonization in the Caribbean: The West Indie Federation. Massashussets: *Thesis PHD of Arts*, Oklahoma State University, 1978.

ZEILIG, Leo. *A Revolutionary for Our Time: The Walter Rodney Story*. Chicago: Haymarket Books, 2022.

WACHE, Paulo Mateus. Política Externa da Tanzânia. Combinando Interesses Regionais na África Oriental e Austral. *Revista Chilena de Relações Internacionais* [s. l.], v. 1, p. 59-85, 2017.

ANDERSON, Perry. **Considerações Sobre O Marxismo Ocidental**. Lisboa: Afrontamento, 1976.

GROSGOUEL, Ramon. ¿Negros Marxistas o Mrxistas Negros?: Una Mirada Descolonial. **Tabula Rasa** (Bogotá), n. 28, p. 11-22, 2018.

BARBOSA, Pedro Oliveira. De Ujamaa à Class Struggle: O Conceito de “Socialismo” em Disputa na África Pós-Colonial. **Historiae** (Rio Grande do Sul), v. 10, n. 2, p. 85-106, 2019.

HERNÁNDEZ, Roberto Almaza. Cuando Los Leones Hacen La Historia: El Marxismo Negro de Walter Rodney. **Tabula Rasa** (Bogotá), n. 28, p. 79-105, 2018.

HILL, Robert (org.). **Walter Rodney Speaks: The making of an African Intellectual**. New Jersey: African World Press, 1990.

LEWIS, Rupert C. **Walter Rodney’s Intellectual and Political Thought**. Barbados, Jamaica e Trinidad e Tobago: University of the West Indies Press, 1998.

LUKÁCS, Gyorg. **História e Consciência de Classe**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil Contemporâneo**. São Paulo: Publifolha, 2000.

PICO, Daniel Montanez. **Marxismo Negro: Pensamiento Descolonizador del Caribe Anglófono**. Cidade do México, Edicionesakal, 2020.

RODNEY, Walter. **A History of the Guyanese Working People, 1881-1905**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1981.

RODNEY, Walter. **Como a Europa Subdesenvolveu a África**. São Paulo: Boitempo, 2022.

RODNEY, Walter. **The Groundings With My Brothers**. Londres: Bogle-L’Ouverture Publications, 1983.

RODNEY, Walter. **Decolonial Marxism**. Londres: Verso, 2022.

ZEILIG, Leo. **A Revolutionary four Our Time**. Chicago: Haymarket Books, 2022.

WACHE, Paulo Mateus. Política Externa da Tanzânia. Combinando Interesses Regionais na África Oriental e Austral. **Revista Chilena de Relações Internacionais** [s. l.], v. 1, p. 59-85, 2017.

WALLERSTEIN, Immanuel. Walter Rodney: the historian as spokesman for historical force. **American Ethnologist Review** (Binghamton: Fernand Braudel Center), [s. d.], 1986.